

Anexo 1

**Folha de registos acerca da caracterização do grupo e da sala do estágio do
Pré-escolar**

Educadora Cooperante:
Mestranda:
Data da observação:

Caracterização do grupo	
Nº de alunos	
Idades	
Nomes	
Caracterização da sala	
Características da sala (espaço):	
Recreios:	

Materiais expostos na sala:

Divisão dos espaços na sala:

Equipamento informático:

Rotinas do grupo

Informações relevantes

Anexo 2

**Folha de registos acerca da caracterização da sala do estágio do 1.º ciclo do
Ensino Básico**

Registo de caracterização da sala de aula

Data dos registos: _____

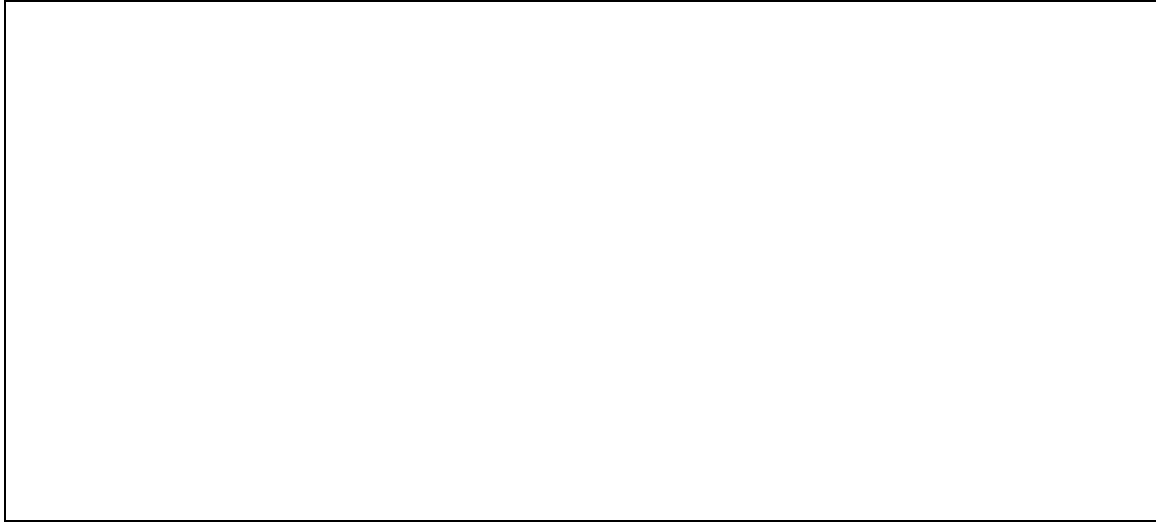
1 - Recursos pedagógicos expostos na sala

Língua Portuguesa	
Matemática	
Estudo do Meio	
Expressões	

2- Materiais pedagógicos disponíveis para os alunos

Língua Portuguesa	
Matemática	
Estudo do Meio	
Expressões	

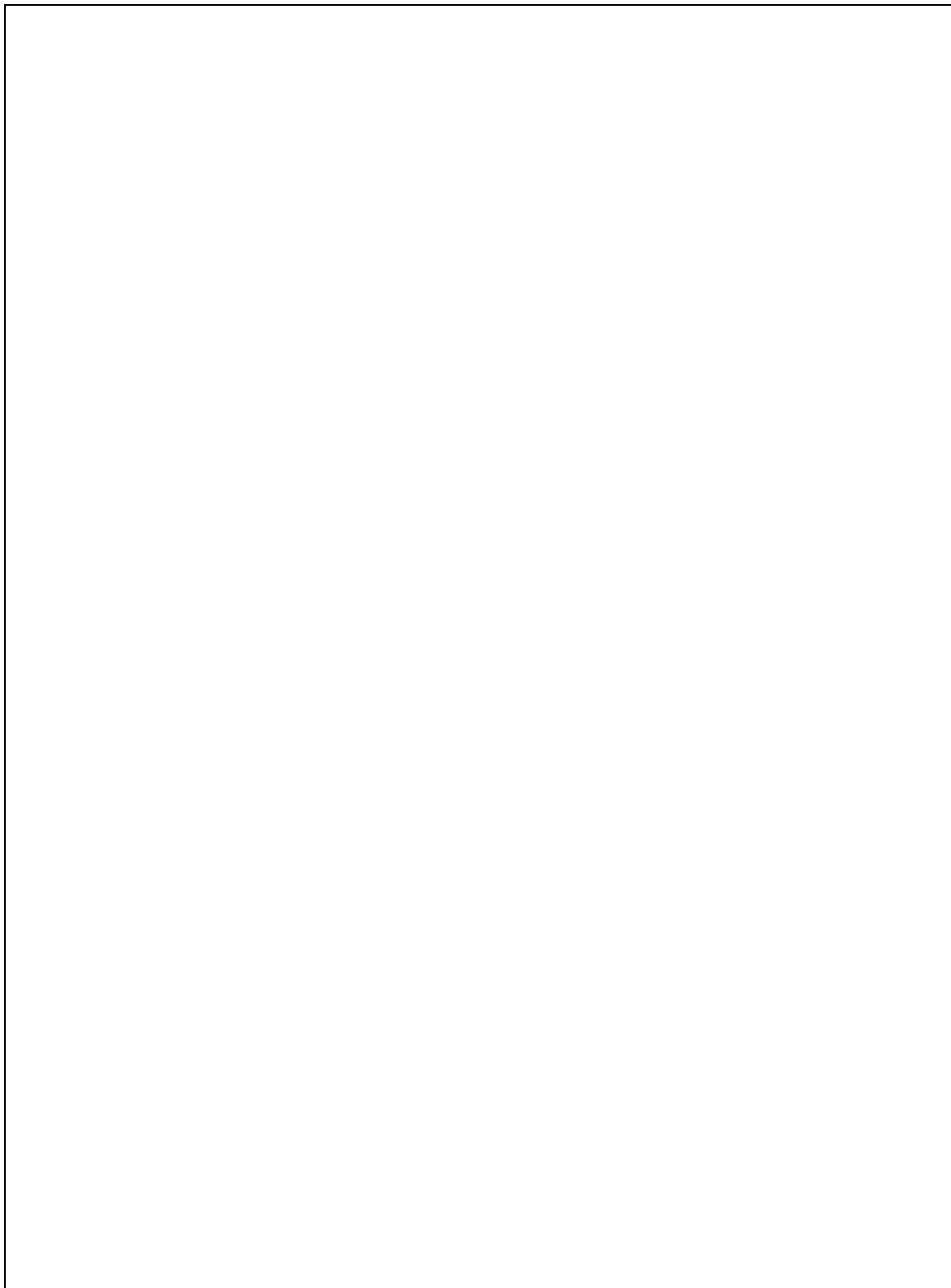
3 - Informação complementar

A large, empty rectangular box with a thin black border, intended for providing complementary information. The box is currently blank.

Anexo 3

**Folha de registos acerca da caracterização dos alunos do estágio do 1.º ciclo
do Ensino Básico**

2 - Informação complementar

A large, empty rectangular box with a thin black border, occupying most of the page below the section header. It is intended for providing additional information.

Anexo 4

Grelha de avaliação utilizada no estágio de Pré-escolar

Grelha de observação directa do grupo

Educadora Cooperante:

Formanda:

Data da observação:

Área de Formação Pessoal e Social		Identificação das crianças									
Critérios a observar											
Reconhece a sua identidade											
É autónomo na sua higiene pessoal											
Manifesta confiança pessoal											
Participa nas actividades propostas											
Interage com os colegas											
Respeita os seus pares											

Área do Conhecimento do Mundo		Identificação das crianças									
Critérios a observar											
Indica a sua morada											
Situa-se no seu agregado familiar											
Identifica diferentes partes do corpo											
Nomeia e ordena os dias da semana											
Distingue as estações do ano											
Identifica animais e o seu habitat											
Conhece os alimentos e a sua importância											

Legenda - Revela (NR); Revela pouco (RP); Não Revela (NR); Não Observado (NO)

Anexo 5

Excertos do Projeto Formativo do Pré-escolar

Introdução

O presente documento surgiu no âmbito da disciplina de Prática Educativa Supervisionada I e refere-se a um projeto de intervenção pedagógica, que representará, numa primeira fase, uma proposta da minha actuação ao nível da educação pré-escolar, macroestratégias e também uma reflexão das intervenções realizadas em diferentes momentos.

Nas observações realizadas na primeira fase procurei analisar as características do grupo e eventuais problemáticas, no sentido de nortear as minhas implementações numa metodologia de trabalho por projeto. Verifiquei que a área da biblioteca é pouco explorada pelas crianças que, embora demonstrem interesse em ouvir histórias, procuram poucas vezes o livro de forma autónoma. Pretendo assim dar alguma ênfase ao domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, como forma de alterar esta tendência, visando a intenção da minha acção nesta problemática.

Numa perspectiva de educação centrada na criança, proponho-me planear e reflectir acerca do papel activo da criança e ter em consideração as suas opiniões, ideias e sugestões como ponto de partida para a planificação das minhas acções.

Assim sendo, a minha pergunta de partida/ objetivo deste projeto será, em que medida, envolver a criança no processo de planeamento pode contribuir para a sua motivação no domínio da leitura?

Simultaneamente, não tenciono descurar a importância de trabalhar as diferentes áreas de conteúdo, bem como o desenvolvimento do currículo que considero ser o objectivo primordial de um estágio em educação.

Sendo que o número de intervenções será insuficiente para concluir este processo, cujo sucesso exige um trabalho mais prolongado, pretendo trabalhar de forma cooperativa com a educadora deste grupo para que surjam resultados positivos a longo prazo.

Metodologias e macroestratégias de actuação

Segundo a análise realizada às especificidades do grupo e possíveis problemáticas pretendo dar alguma ênfase ao domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, uma vez que

desejo iniciar um trabalho de projeto que incidirá na dinamização da biblioteca como forma de estimular uma abordagem à leitura e escrita.

Contudo, e de acordo com as Orientações Curriculares (OC), irei acentuar a importância de “*interligar as diferentes áreas de conteúdo e de as contextualizar num determinado ambiente educativo (...)*” (SILVA, M., 1997, p. 22). Simultaneamente, pretendo trabalhar as diferentes áreas de conteúdo, bem como o desenvolvimento do currículo que considero ser o objectivo primordial do presente estágio.

O trabalho de projeto investe no próprio interesse da criança para que nasça uma motivação para o trabalho. Reiterando esta ideia, desejo ir ao encontro de uma educação centrada na criança, ou seja, “*as crianças tornam-se especialistas da sua própria aprendizagem. O professor dá sugestões, mas as crianças podem ser autorizadas a recusá-las e a julgar por elas próprias.*” (Katz e Chard, 1989, p. 27).

Por conseguinte, desejo dar realce a uma metodologia por trabalho de projeto, visto que “*esta metodologia pode ser utilizada em qualquer nível educativo, com especial incidência no nível pré-escolar (incluindo os 3 anos) e no 1º ciclo do ensino básico.*” (Vasconcelos, T. et al, 2012, p.8). Para a mesma autora, “*independentemente dos modelos curriculares adoptados pelos jardins de infância ou pelas escolas do 1º ciclo, acreditamos que uma metodologia comum de trabalho de projecto em sala de actividades* (Katz e Chard, 1989, p. 27), *poderá antecipar, desenvolver e estimular os processos de aprendizagem e de co-construção do conhecimento.*” (Vasconcelos, T. et al, 2012, p.8). Deste modo, desejo interligar o modelo curricular “High Scope” utilizado pela educadora cooperante.

Conforme se pode ler nas OC, “*é actualmente indiscutível que também a abordagem à escrita faz parte da educação pré-escolar*” (SILVA, M., 1997, p. 65). Mais à frente refere que “*Não se trata de uma introdução formal e “clássica” à abordagem à leitura e a escrita, mas de facilitar a emergência da linguagem escrita.*” (SILVA, M., 1997, p. 65).

Importa que a criança procure o contacto com a leitura em diferentes contextos para que se vá familiarizando com a função da escrita. Aqui o livro apresenta-se como um instrumento fundamental, ou seja, “*é através dos livros, que as crianças descobrem o prazer da leitura e desenvolvem a sensibilidade estética.*” (SILVA, M., 1997, p. 70). É neste sentido que pretendo estimular a motivação destas crianças com os livros, o seu manuseamento, mas também com outras formas de leitura e de apresentação do código escrito. Ainda neste domínio pretendo realizar actividades que estimulem a compreensão e a comunicação, como o

contar histórias, poesias e lengalengas e conversas diversificadas que favorecem o desenvolvimento da criança de uma forma lúdica.

Relativamente às expressões, nomeadamente, na plástica, dramática e musical pretendo planificar actividades diversificadas associando a outras áreas de conteúdo. Contudo, terei algumas delas preparadas para desenvolver competências com o seu foco na expressão plástica.

A nível da expressão motora estará planeada uma aula de educação físico-motora, onde associarei a dança como forma de explorar ritmos e sons com o próprio corpo.

Na área de Formação Pessoal e Social planeio trabalhar com as crianças aspectos que contribuam para a sua formação enquanto cidadãos conscientes e responsáveis. Sendo esta uma área transversal e integradora deve favorecer o crescimento global da criança de forma saudável e harmoniosa nos diferentes aspectos. Tenho como objetivo trabalhar a educação ambiental que aborda aspectos relacionados com a área do conhecimento do Mundo, nas vertentes do conhecimento do seu meio físico e na área de Formação Pessoal e Social aspectos relacionados com a preservação e respeito pela natureza.

Conforme está descrito nas OC, *“Cabe ao educador partir de situações do quotidiano para apoiar o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático (...)”* (SILVA, M., 1997, p. 73). Deste modo, planeio adoptar estratégias que possibilitem à criança compreender as noções matemáticas através do contacto com situações reais do dia-a-dia para que a aprendizagem ocorra de forma natural e espontânea. Pretendo fazer a criança compreender que a matemática está presente em muitas das nossas acções do dia a dia e que necessitamos dela para nos ajudar a resolver problemas.

Calendarização das actividades

Datas	Temas previstos
19 de Março	Festa do Dia do Pai; A Primavera e intercâmbio com Lar Luís Soares de Sousa de Ponta Delgada; actividades direccionadas para o Projecto “A biblioteca”
20 de Março	
23 de Abril	O ciclo do livro; actividades direccionadas para o Projecto “A biblioteca”; Visita de estudo à empresa Grupoega;
24 de Abril	
21 a 25 de Maio	Educação ambiental; actividades direccionadas para o Projeto “A biblioteca”; Visita de estudo ao Centro Ambiental da Ribeira Grande e Feira Agrícola de Santana

Avaliação da implementação do Projeto

Ao longo da implementação deste projeto pretende-se que haja diferentes momentos de avaliação quer a nível do desempenho dos alunos como também uma análise reflexiva das minhas práticas.

Numa primeira fase irei fazer uma avaliação ao desempenho das crianças como forma de conhecer a realidade do grupo - necessidades e potencialidades. Esta avaliação será realizada sob a forma de observação participante e naturalista. A observação participante ocorre “(...) quando de algum modo o observador participa na vida do grupo por ele estudado(...) centrada no problema a avaliar” (Estrela, 1994, pp. 31-35) naturalista que

consiste na “*observação do comportamento dos indivíduos nas circunstâncias da sua vida quotidiana*” (Estrela, 1994, p. 45).

Para tal, serão utilizadas grelhas de observação (ver anexo II e III) para recolher dados dos alunos nas diferentes áreas de conteúdo, que me permitirá apoiar a minha intencionalidade educativa. De acordo com as OC, “*esta intencionalidade exige que o educador reflecta sobre a sua acção e a forma como as adequa às necessidades das crianças e, ainda, sobre os valores e intenções que lhes estão subjacentes*” (SILVA, M., 1997, p. 93).

Além desta avaliação inicial farei uma análise em cada sequência didática (ver anexo IV e V) do desenvolvimento de competências das crianças, mas também uma autoavaliação do desempenho, das actividades e recursos.

Ao longo deste projeto pretendo realizar mais dois momentos de avaliação: uma intermédia onde irei fazer uma análise às estratégias escolhidas, que ocorrerá após segunda intervenção, 23 e 24 de Abril; e uma final que ocorrerá após última intervenção, 21 a 25 de Maio.

Segundo as OC, “*a avaliação do processo permite reconhecer a pertinência e sentido das oportunidades educativas proporcionadas, saber se estas estimularam o desenvolvimento de todas e cada uma das crianças e alargaram os seus interesses, curiosidade e desejo de aprender.*” (SILVA, M., 1997, p. 93).

Anexo 6

Excerto da Sequência Didática III do Pré-escolar

(intervenção de 21 a 25 de Maio)

Introdução

O presente documento refere-se à minha terceira intervenção no âmbito da prática educativa supervisionada I e com ela pretendo orientar as intervenções que terei na semana intensiva de 21 a 25 de maio.

Esta sequência incide numa metodologia de trabalho por projeto que já foi iniciada na intervenção anterior que consiste no melhoramento da área da biblioteca como forma de estimular o contacto com os livros e, conseqüentemente desenvolver a leitura e a escrita. Assim sendo, será dado ênfase à área da comunicação e expressão, domínio da linguagem oral e abordagem à escrita. Contudo, todas as outras áreas de conteúdo serão abordadas de forma integrada. As atividades são diversificadas e foram pensadas de forma a conseguir desenvolver todo o projeto durante a semana fazendo a interligação com as restantes áreas.

Haverá lugar para a exploração de diferentes tipos de texto, ou seja, narrativas e poemas. Será implementada uma rotina no grupo intitulada a "hora da história" como forma de criar uma maior regularidade com a leitura ou conto de histórias, cujo objetivo principal é tentar estimular algumas crianças do grupo que demonstram menor ou mesmo, em algumas situações, nenhum interesse pelos livros.

No domínio da matemática será realizada uma atividade estruturada que consiste na contagem de objetos e análise e tratamento de dados com a realização de uma tabela de dupla entrada.

No domínio da expressão plástica serão realizadas diferentes atividades ligadas ao embelezamento da biblioteca e decoração de sacos de tecido para transportar de livros, bem como, construção de marcadores de livros.

No domínio da expressão motora será realizada uma aula de educação física baseada nas competências ligadas aos deslocamentos e equilíbrios através de um circuito com diferentes exercícios.

No domínio da expressão dramática será feita a dramatização da história dos três porquinhos.

No domínio da expressão musical também haverá a exploração de canções com recurso a ilustrações, bem como, em vários momentos da rotina como por exemplo acolhimento e relaxamento.

O domínio das novas tecnologias também será abordado com a utilização de power point para apresentação das histórias e visualização de filmes.

Na área do conhecimento do mundo irei acentuar a educação ambiental com a introdução da política dos 5R's e jogo didáticos que desenvolvem as competências relacionadas com a divisão do lixo e preservação da natureza.

Importa aqui referir que esta planificação teve também em conta o Projeto Curricular de Grupo uma vez que alguns dos temas abordados, nomeadamente a educação ambiental estava prevista pela educadora cooperante no dito documento.

Por outro lado, também houve articulação com o plano anual de atividades na medida em que se realizará uma visita de estudo ao Centro Ambiental da Ribeira Grande que já estava prevista nesse documento com a participação do restante infantário.

Também será realizada outra visita de estudo já no âmbito do meu projeto e marcada por mim com o intuito de demonstrar à criança a dinâmica de uma biblioteca pública. Esta visita foi pensada na sequência anterior, contudo devido ao facto de naquela altura ser o dia do livro e haver muitas escolas a procurar o espaço nesta data, não foi possível a sua realização ficando marcada para esta intervenção.

Fundamentação teórica das opções didáticas

O trabalho desenvolvido nesta sequência didática tem por base um trabalho que começou a ser desenvolvido na segunda intervenção que vai ao encontro de uma metodologia de trabalho por projeto e uma abordagem de aprendizagem por ação enquadrada no modelo High Scoope.

Esta ideia de trabalho de projeto surgiu mais precocemente, isto é, está presente desde o início deste estágio no âmbito de um conjunto de fatores que passo a explicar:

- 🖼 Na observação das rotinas do grupo verifiquei, no quadro de escolha das áreas livres, que as crianças quase nunca escolhiam a biblioteca e que esta área se apresentava pouco atrativa e acolhedora;
- 🖼 A educadora cooperante confirmou a necessidade de intervir nessa área;
- 🖼 As crianças mostraram-se interessadas e deram ideias quando questionadas acerca se gostariam de melhorar a biblioteca;
- 🖼 O meu interesse pessoal em explorar a metodologia de trabalho de projeto;
- 🖼 As datas festivas que iriam coincidir com a minha prática, nomeadamente, o dia do livro;
- 🖼 A visita de estudo contextualizada no dia do livro e prevista no plano anual de atividades, nomeadamente, a visita de estudo à Ega, que permitiu explorar algumas das fases de elaboração do livro, dando-me assim a oportunidade de fazer a ponte entre os documentos orientadores da escola e a minha intervenção.

O trabalho de projeto investe no próprio interesse da criança de forma a que a criança se sinta motivada para aprender. E nesta perspetiva, procurei centrar as minhas ideias na criança, tornando-a um ator principal da sua aprendizagem, tal como defende Katz e Chard (1989), "*as crianças tornam-se especialistas da sua própria aprendizagem. O professor dá sugestões, mas as crianças podem ser autorizadas a recusá-las e a julgar por elas próprias.*" (p. 27).

Interessa fazer aqui uma análise do que defende Vasconcelos (1998) acerca do desenvolvimento de projetos com as crianças, ou seja, a autora refere que é importante analisar quem é que toma a iniciativa e o porquê, mas acrescenta que "*o educador tem sempre*

um papel determinante na decisão de desencadear o projecto, quer apoiando e alargando as propostas das crianças, quer apresentando propostas". Nesse sentido, gostaria de referir que no contexto da minha intervenção a ideia surgiu do levantamento das necessidades do grupo e não da iniciativa das crianças, no entanto, elas foram ouvidas no sentido de ampliar as atividades a ser desenvolvidas na planificação tendo em conta as suas sugestões.

Na perspetiva do modelo High Scope é a criança que constrói o seu conhecimento através do contacto direto com os objetos e pessoas, ou seja, uma aprendizagem pela ação é definida por Hohmann e Weikart (1995) "*como a aprendizagem na qual a criança, através da sua acção sobre os objectos e da sua interacção com pessoas, ideias, acontecimentos, constrói novos entendimentos*" (p. 22).

Assim sendo, a ação sobre os objetos disponíveis é de extrema importância, uma vez que a aprendizagem "*começa quando as crianças manipulam os objectos e usam os seus corpos e todos os seus sentidos para descobrir coisas sobre esses objectos. Agir sobre os objectos dá às crianças qualquer coisa de "real" para pensar e conversar com os outros*" Hohmann e Weikart (1995, p. 23).

Deste modo, a organização das áreas da sala é fulcral para estimular o contacto da criança com o objeto. Segundo os mesmos autores, as áreas lúdicas devem ser "*claramente definidas e recheadas de materiais interessantes e adequados à idade das crianças*" (p. 28). Portanto, considere necessário melhorar as condições da biblioteca desta sala procurando cativar o interesse do grupo pela mesma.

Na minha opinião, esta preocupação toma ainda um maior sentido, uma vez que existem algumas crianças neste grupo, nomeadamente o P11, o P1, o P13 e o P14. que apresentam uma grande dificuldade em diversificar as suas escolhas pelas diferentes áreas da sala, sendo esse facto ainda mais evidente relativamente à biblioteca, uma vez que nunca a escolhem por iniciativa própria.

Logo, decidida a melhorar a biblioteca como forma de estimular o gosto pela leitura, procurei ouvir as crianças, umas vezes em grande grupo, outras individualmente nos tempos de atividade livre, para fazer o levantamento de sugestões a considerar na planificação. Isto porque "o contacto com a escrita tem como instrumento fundamental o livro. É através dos livros, que as crianças descobrem o prazer da leitura e desenvolvem a sensibilidade estética" (Silva, 1997, p. 70).

Recuando um pouco ao sentido da literacia e à sua importância, referencio Ferreiro e Teberosky, 1986 citado por Martins (1997) onde defendem que "as crianças, muito antes de aprenderem formalmente a ler e a escrever, têm conhecimentos e representações sobre a linguagem escrita que foram construindo através de múltiplas situações de interação com a escrita" (p. 3), ou seja, será de extrema importância proporcionar essas interações promovendo uma futura aprendizagem da leitura e da escrita.

Porque, também como nos refere Vygotsky, 1977 citado por Martins (1997) as representações que a criança terá sobre a linguagem escrita denominado por ele como a "*pré-história*",

"variam em função da qualidade, da frequência e do valor das actividades de leitura e de escrita desenvolvidas pelos que convivem mais diretamente com as crianças" (p. 3).

Situando a minha intervenção, saliento que a presente planificação não se baseia apenas no embelezamento e conforto da área da biblioteca, mas pretendo também implementar algumas rotinas que ajudarão, assim espero, a criar um maior envolvimento com a leitura.

Para isso, implementarei uma nova rotina de contacto com o livro com a "hora da história", ou seja, o objetivo é criar um hábito de exploração de histórias mais regular que poderá ser feito pela educadora, mas também pelas próprias crianças de uma forma rotativa. Irei iniciar a «hora da história» no primeiro dia de intervenção e, em seguida, escolher uma criança para cada dia que leva um livro para casa e o lê com os pais para fazer o conto da mesma no dia seguinte, ao mesmo tempo que apresenta as imagens ao grupo.

Importa referir que nesta hora será também importante trabalhar não apenas as histórias de texto narrativo, mas é também de extremo interesse trabalhar a poesia, as rimas, lengalengas, porque é um tipo de texto que permite desenvolver a consciência fonológica. Freitas, Alves e Costa, (2007) referem-nos por exemplo que *"a sensibilidade à rima constitui um bom precursor de formas mais elaboradas de consciência fonológica, direcionando a atenção das crianças para a forma das palavras"* (p. 49).

Silva (1997) diz-nos que *"as histórias lidas ou contadas pelo educador, recontadas e inventadas pelas crianças, de memória ou a partir de imagens, são um meio de abordar o texto narrativo que, para além de outras formas de exploração, noutros domínios de expressão, suscitam o desejo de aprender a ler"* (p. 70).

Ainda nesta linha da exploração de histórias, Teale e Sulzby, (1987) citados por Pessanha (2001), defendem que *"o facto da criança ouvir e presenciar situações de leitura, de Conto e Reconto, desempenha um papel chave no desenvolvimento da leitura"*, e dizem ainda, *"que estas crianças são leitores precoces e apresentam mais capacidades de decifração da leitura e da escrita"* (p. 115).

Com este tipo de estratégias pretendo também desenvolver a parte da comunicação oral, ou seja, colocando a criança num papel bastante ativo de comunicação espero desenvolver a sua capacidade de comunicar para o público e dar a oportunidade de interações de criança/criança e não apenas de adulto/criança.

Sim-Sim, Silva e Nunes (2008) argumenta que

"para que a criança possa aprender a comunicar usando a língua do seu grupo social, precisa de estar imersa num ambiente onde ouça falar e tenha oportunidade para falar (...)o ambiente educativo do jardim-de-infância constitui um dos contextos privilegiados para o desenvolvimento das capacidades comunicativas e linguísticas da criança, necessárias a um futuro desempenho social e académico com sucesso"(p. 29).

Este grupo em particular não apresenta grandes dificuldades a este nível, contudo considero que nunca é de mais desenvolver a comunicação verbal, até porque existem alguns casos de crianças que têm ainda alguma dificuldade em comunicar para o grande grupo e esta estratégia poderá servir para ajudá-las a ultrapassar essa dificuldade.

Embora esta minha intervenção enfatize a área da expressão e comunicação: domínio da linguagem oral e abordagem à escrita é feita uma articulação com diferentes áreas de conteúdo. De acordo com as Orientações Curriculares *"as áreas de conteúdo deverão ser consideradas como referências a ter em conta no planeamento e avaliação de experiências e oportunidades educativas e não como compartimentos estanque a serem abordados separadamente"*. (p. 48)

Ao nível do domínio da matemática serão desenvolvidas competências sempre que ocorram situações com potencial para explorar noções matemáticas, por exemplo, durante o acolhimento aquando a marcação de presenças aproveitando a leitura de tabelas de dupla entrada e a identificação dos números do mês, também serão questionados acerca do número de crianças presentes, quantas estão a faltar, entre outras situações. Porque, tal como referem as OC, o educador deve *"partir das situações do quotidiano para apoiar o desenvolvimento do pensamento lógico matemático, intencionalizando momentos de consolidação e sistematização de noções matemáticas"* (Silva, 1997, p. 73).

Por outro lado, associando a necessidade de organizar os livros na biblioteca, será realizada a classificação e a seriação destes. Assim, está previsto trabalhar a noção de número com a contagem do número total de livros por tema e ainda a organização desses dados numa tabela de dupla entrada como forma de registo do inventário da biblioteca.

As OC orientam o educador no sentido de aproveitar *"as oportunidades variadas de classificação e seriação"* porque estas são *"fundamentais para que a criança vá construindo a noção de número, como correspondendo a uma série (número ordinal) ou uma hierarquia (número cardinal)"* (Silva, 1997, p. 74).

Como já referi também terei atividades de recolha e tratamento de dados que consistirão no inventário dos livros existentes em cada tema, considero que esta será uma forma interessante de trabalhar a matemática, uma vez que as crianças vão entender a sua utilidade para uma situação concreta.

Castro e Rodrigues (2008) referem-nos que a *"a análise de dados é uma área da Matemática que, no mundo actual tem grande importância, uma vez que tem uma forte ligação ao quotidiano, quer de adultos quer de crianças, proporcionando ocasiões muito ricas de desenvolvimento numérico"*, acrescentando que *"em qualquer situação de organização e tratamento de dados, a fase de recolha é fundamental (...) a forma de os recolher e organizar, deverá, sempre que possível, ser realizada por elas, promovendo a análise e discussão"*(p. 59).

As mesmas autoras, referem ainda que *"o educador deve ajudar a recolher informação dum modo mais criterioso, proporcionando listas ou imagens que ajudem as crianças a não se dispersarem e perderem o sentido do que procuram recolher"* (Castro e Rodrigues, 2008, p. 61).

Relativamente à elaboração de tabelas, as autoras defendem que "é importante que as próprias crianças construam as suas próprias tabelas e compreendam as suas vantagens e a sua estrutura".(Castro e Rodrigues, 2008, p. 67).

A este nível o grupo em causa tem algumas diferenças de desenvolvimento, ou seja, os mais velhos já tem uma maior facilidade em compreender estes conceitos, mas os mais novos precisam ainda de ser estimulados neste sentido, por isso, é sempre uma boa estratégia aproveitar as situações do quotidiano para que as crianças desenvolvam essas competências e que acima de tudo compreendam que a matemática está presente em quase tudo na nossa vida e que nos é bastante útil para resolver os problemas.

Em articulação com a dinamização da biblioteca haverá diferentes atividades relacionadas com o domínio da expressão plástica. De acordo com as OC "*a expressão plástica enquanto meio de comunicação pode ser da iniciativa da criança ou proposta pelo educador, partindo das vivências individuais ou de grupo.*" (Silva, 1997, p. 62).

Neste sentido, a expressão plástica, neste contexto, será proposta pela estagiária e estará ao serviço da decoração da biblioteca, decoração de sacos de transporte de livros e da construção de marcadores de livros, com diferentes técnicas como a pintura, colagem e carimbagem.

O grupo, no geral, gosta da área da expressão plástica revelando-se uma boa estratégia para os envolver com o projeto da biblioteca, uma vez que, é uma forma que estas crianças privilegiam para se exprimirem e tranquilizarem. Há porém alguns casos, uma minoria, que apresentam um menor entusiasmo e desempenho nas atividades de expressão plástica, por isso, também para essas será um boa estratégia como facilitadora do desenvolvimento dessas competências.

Na educação pré-escolar deve haver sempre a preocupação de trabalhar as expressões, não com a preocupação de criar artistas e obras de arte, mas antes como um caminho onde a criança possa expressar-se, porque aquilo que importa é desenvolver a criança como pessoa. Stern (1991) citado por Sousa (2003) diz-nos que

"A expressão é como um vulcão, algo que brota espontaneamente, algo que vem do interior, das entranhas, do mais profundo do ser. Exprimir é tornar-se vulcão. Etimologicamente, é expulsar, exteriorizar sensações, sentimentos, um conjunto de factos emotivos. Exprimir-se significa realizar um acto, que não é ditado, nem controlado pela razão." (Stern, 1991 citado por Sousa, 2003, p. 165).

O mesmo autor fala-nos de um "*educação criadora*" ou seja, uma educação que não condiciona a criança ao que o adulto pretende.

"A educação criadora torna a criança mais segura de si, mais autoconfiante, mais forte, mais resistente a situações adversas, mais capazes de vencer os obstáculos que a sociedade diariamente lhe

apresenta. O ser criativo é um ser equilibrado, o contrário de um indivíduo agressivo e de um indivíduo desesperado" (Stern, 1970 citado por Sousa, 2003, p. 166).

Reiterando aquilo que já foi dito acerca da importância das expressões, importa referir que também abordarei ao longo da semana atividades no domínio da expressão dramática.

Segundo as OC a *"expressão dramática é um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio na relação com o(s) outro(s) que corresponde a uma forma de se apropriar de situações sociais (...) criando situações de comunicação verbal e não verbal."* (Silva, 1997, p. 59).

Por conseguinte, a atividade prevista consiste na realização de uma dramatização da história dos rês porquinhos, já conhecida do grupo, para aperfeiçoar cada vez mais o desempenho das crianças a este nível. Trabalhar neste domínio com este grupo, salvo algumas exceções, revela-se num momento de aprendizagem muito produtivo e cria-se um ambiente de aprendizagem muito divertido.

Como salientei, há algumas crianças, nomeadamente o P16 e a P5 que não ficam à vontade quando se sentem mais expostos, penso eu que, devido à sua falta de auto estima e timidez. Nesse sentido, terei particular atenção com essas crianças para que não se sintam demasiado expostas, procurando outras estratégias de participação, como por exemplo, o papel de figurante em vez de papeis principais, pois considero que insistir com a criança nestas situações poderá funcionar com um reforço da timidez e não como despiste.

Ainda a este respeito, referencio as OC que defendem:

"decorre da intervenção do educador a possibilidade de chegar a dramatizações mais complexas que implicam um encadeamento de acções, em que as crianças desempenham diferentes papeis, como por exemplo, a dramatização de histórias conhecidas ou inventadas que constituem ocasiões de desenvolvimento da imaginação e da linguagem verbal e não verbal." (Silva, 1997, p. 60).

Na área do conhecimento do mundo focarei a minha atenção na vertente da educação ambiental indo ao encontro, quer do plano anual de atividade do infantário, quer do Projeto Curricular de Grupo, uma vez que era já intencionalidade da educadora cooperante abordar estas questões. Assim sendo, darei início ao aprofundamento da política dos 5R's (Reutilizar, Reciclar, Reduzir, Repensar, Recusar), um vez que o grupo já está familiarizado com a política dos 3R's.

A Educação Ambiental tem como objetivos desenvolver determinadas atitudes e competências que auxiliem os indivíduos e os grupos sociais a tomar consciência do ambiente global e dos seus problemas, a adquirir atitudes e valores que incluam um interesse e motivação para participar na melhoria da qualidade do ambiente e a desenvolver um sentido de responsabilidade e de participação ativa.

A concretização destes objetivos depende, particularmente, do modo como se desenrolam as diferentes fases de trabalho em educação ambiental: a sensibilização, a informação, o envolvimento e a ação.

Segundo Costa e Gonçalves, é fundamental que os procedimentos utilizados contendam impacto emocional, isto é, despertem preocupações, alertem para comportamentos inadequados e solicitem o envolvimento e a participação das pessoas, enfatizando situações, que compõem uma problemática ambiental. Além disso, a educação ambiental não poderá limitar-se a uma determinada idade, mas sim a todas as idades e a todos os níveis de educação escolar.

Neste sentido, a educação ambiental deve ser considerada como *“o principal instrumento para a consciencialização da sociedade acerca dos problemas ambientais, como um processo de alteração de valores, mentalidades, atitudes e assumir a educação ambiental como fazendo parte da formação de cada um”* (Morgado citado em Costa e Gonçalves).

Descrição das atividades

Dia 21 de Maio

O dia vai iniciar como habitual com a aula de educação física no pavilhão polidesportivo que irei dinamizar e consistirá na realização de um circuito onde as crianças terão de fazer exercícios que trabalham essencialmente o equilíbrio. A aula (ver anexo 4) terá a duração aproximada de 60 minutos e está dividida em três partes: o aquecimento, a parte principal e por fim o relaxamento.

Quando a aula terminar as crianças regressarão à sala e aí, haverá espaço para uma conversa para as crianças partilharem os acontecimentos que ocorreram durante o fim-de-semana, a canção dos bons dias para marcar as presenças e o quadro do tempo.

Em seguida, será implementada uma nova rotina, ou seja, explicarei que a partir daquele dia vai haver um tempo dedicado aos livros com a "hora da história" que consistirá na leitura ou no conto de uma história, poema ou outros textos, quer pela educadora quer pelas próprias crianças.

Explicarei que naquele dia serei eu a apresentar a história para eles verem como é, mas que nos dias seguintes serão eles a fazer essa tarefa. No seguimento, as crianças serão levadas para a sala de informática, onde assistirão a um power point com a história "o livro ativo" (ver anexo 5). No final da apresentação dos slides regressarão à sala para fazerem o reconto da história através da ordenação de cartões ilustrados (ver anexo 6) .

Pelas 10.30h, será feita a distribuição do leite escolar e quando terminarem de o beber retomarão ao tapete para cantar a música "gosto de livros" (ver anexo 7). Entretanto, chegará

um recado surpresa do "livro ativo" (ver anexo 8) para proporcionar um fator surpresa nas crianças.

Em seguida, pedirei às colegas do núcleo para bater à porta com as coisas novas que vão entrar na sala. Depois, as crianças serão divididas em pequenos grupos e dar-se-á início à arrumação da biblioteca (estante, tapete, livros, colagem de desenhos, montagem do mural das histórias, entre outros). (ver anexo 9).

No período da tarde a aula começará com a sessão de relaxamento (ver anexo 10). Posteriormente, serão mostrados ao grupo uns cartões de histórias (ver anexo 11) já trabalhados pela colega do núcleo, Daniela, que irão ser colocados na biblioteca. Mas antes de os informar que os cartões irão para a biblioteca nova, farei com eles uma pequena história em grande grupo para lembrar a utilidade daquele recurso.

A escolha desta atividade deveu-se ao facto de esta ter sido muito bem recebida pelas crianças que mostraram um grande interesse na sua exploração aquando a sequência da Daniela, por isso, fazia todo o sentido dar continuidade, aproveitando o potencial do recurso, no tempo de atividades autónomas.

Depois disso será realizada uma atividade em pequenos grupos que consiste na decoração de uns sacos que servirão de transporte dos livros para casa, enquanto os restantes ficam a brincar nas áreas.

No final da aula será dado um livro intitulado "ciclo do livro" ao P8 para que este o leve para casa e peça aos pais para lhe ler a história e no dia seguinte contar à turma.

Dia 22 de Maio

O dia iniciará com o acolhimento e, em seguida, com a "hora da história". Espera-se que nesta primeira vez a criança tenha alguma dificuldade em fazer a atividade sozinha e, por isso, darei o apoio necessário para que não se perca o sentido da história. No final será solicitado que as crianças façam o reconto da história oralmente.

Quando a atividade se encontrar devidamente explorada será introduzida a etiquetagem dos livros por temáticas com recurso a etiquetas de cores diferentes que representarão cada tema. No seguimento desta tarefa será feito o inventário da biblioteca e, para isso, está prevista a elaboração de um tabela de dupla entrada onde se registarão o número total de livros por tema. Depois disto irão beber o leite escolar e irão um pouco ao recreio, salvo se o tempo previsto para as atividades se complicar.

Seguidamente, será explicado detalhadamente o que se espera da atividade seguinte que consiste na elaboração de marcadores de livros. Um pequeno grupo será encaminhado para a mesa e as restantes crianças irão para as áreas de escolha livre trocando de lugar sempre que alguém termine.

Quando chegar a hora de almoço serão chamados para o comboio pelos encarregados do dia com a música "Se eu fosse um peixinho".

O período da tarde começará com a "sessão de relaxamento" e, em seguida, uma conversa onde será perguntado se alguém se lembra onde vamos no dia seguinte. Esta conversa terá como intenção introduzir a visita de estudo à biblioteca.

Neste seguimento, as crianças serão informadas que vão assistir a um vídeo muito engraçado do amigo "Ruca" (ver anexo 12). Para isso, serão encaminhados para um comboio e seguirão para a sala de informática para assistir ao filme.

Posteriormente, farei com eles a exploração do conteúdo oralmente e será explicado que também, tal como o Ruca leva os livros da biblioteca, eles podem, a partir daquele dia, começar a requisitar os livros da biblioteca da sala. Para isso, haverá uma folha de requisição (ver anexo 13) que será mostrada e explicada ao grupo.

Antes de formarem o comboio será dito ao P1 para levar um livro para casa e contar no dia seguinte.

Dia 23 de Maio

O dia vai iniciar com o acolhimento ao grupo onde se irá relembrar o que vamos fazer na visita de estudo e, em seguida, o P1 irá fazer a "hora da história". Logo em seguida bebem o leite escolar.

Pelas 10 horas, iremos para a visita de estudo à biblioteca pública. Pretende-se que as crianças percebam a dinâmica de uma biblioteca, isto é, que percebam a possibilidade de consultar diversos livros com temas diferentes e requisitar alguns para serem lidos em casa e devolvidos uns dias depois. Neste sentido, uma vez que a biblioteca exigiu que tivessem presentes cinco adultos para o número de crianças que levamos, elas serão divididas em pequenos grupos (educadora, estagiárias e auxiliar) e os adultos ficarão responsáveis por mostrar os livros que eles querem ver e assegurar que as crianças não destabilizam o funcionamento da biblioteca. Irei circulando pelos diferentes grupos para prestar apoio onde for necessário, em particular pelas crianças que ficarem com a auxiliar.

Pelas 12 horas, a visita de estudo terminará e as crianças regressam à escola para o almoço.

O período da tarde começará com a sessão de relaxamento (ver anexo 14). Em seguida, será feito o apanhado da visita de estudo. Para a consolidação do que foi aprendido de manhã, será apresentada um cartolina onde se fará o registo do que se pode fazer na biblioteca, partindo das sugestões dadas pelas crianças. Após esse registo irá realizar-se outro documento onde se criarão as regras da biblioteca numa cartolina onde constarão duas colunas: num lado escreve-

se o que está certo e do outro lado o que está errado. No final esse documento será exposto na biblioteca.

Dia 24 de Maio

Nesta manhã irá realizar-se a visita de estudo ao Centro Ambiental da Ribeira Grande que já estava planeada pela educadora cooperante. Portanto, as crianças serão acolhidas no tapete onde se fará uma explicação do que vão fazer na visita de estudo e logo em seguida serão encaminhadas para o transporte. A visita de estudo irá durar toda a manhã. Prevê-se que as crianças cheguem ao infantário na hora de almoço e, por isso, seguirão diretamente para o refeitório.

No período da tarde irá ser recordada a visita de estudo e como forma de relacionar a mesma com o tema será realizada uma atividade acerca da educação ambiental que consistirá na abordagem aos 5 R's através da apresentação de um livro ilustrado. Nesse livro vai constar uma primeira página onde está ilustrada uma canção acerca da reciclagem para cantarmos em grupo, com acompanhamento de CD.

Antes do grupo ir para o lanche será outra criança que irá contar a história no dia seguinte.

Dia 25 de Maio

A manhã irá começar com o acolhimento e, em seguida será realizada a "hora da história".

Depois recordarei o que foi dado no dia anterior e farei uma breve revisão dos ecopontos. Após essa revisão, irão para o pavilhão polidesportivo fazer um jogo relacionado com a reciclagem (ver anexo 15).

No final da manhã, as crianças regressam à sala e irão para o almoço, chamados pelos encarregados com a canção do peixinho.

O período da tarde será iniciado com a leitura da história dos três porquinhos para, em seguida, realizarem a dinamização da mesma. Serão divididos em três grupos e enquanto uns são os atores os restantes são os espectadores.

Avaliação

A avaliação das atividades desta sequência serão idênticas aquelas que estavam previstas na sequência anterior, uma vez que a avaliação decorrida neste contexto será também analisada no relatório de estágio.

Será feita a avaliação dos indicadores e metas de aprendizagem referenciadas nas grelhas de registo e uma avaliação mais descritiva de cada aluno que será registada no caderno de registos do núcleo.

Paralelamente, pretendo fazer a avaliação do projeto, não apenas no produto final, mas também ao longo dos diferentes processos através de uma avaliação ao aspetos emocionais da criança., ou seja, no fim de diferentes atividades mostrarei um quadro que a criança deverá preencher com uma autoavaliação.

Relativamente a este assunto as OC referem-nos que *“avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução”*(Silva, M., 1997:27).

Nesse sentido, seria positivo ir moldando os processos do projeto de acordo com sugestões e necessidades das crianças para um progressivo melhoramento dos diferentes processos até à etapa final, contudo este contexto de estágio dificulta essa ação uma vez que exige uma planificação pouco flexível a esse nível. Mas, importa referir que estarei aberta a novas sugestões que sejam possíveis de realizar durante a semana.

Anexo 7

Excertos da Sequência Didática I do 1.º Ciclo

(intervenção de 15 a 17 de Outubro)

Introdução

Esta sequência didática surgiu no âmbito da minha prática educativa no contexto do estágio do 1º ciclo do ensino básico e pretende nortear a intervenção que irá decorrer nos dias 15, 16 e 17 de outubro.

A presente planificação procurou responder à interdisciplinaridade partindo do conteúdo de estudo do meio, nomeadamente, a pele, viajando até à língua portuguesa com a exploração de um texto acerca da multiculturalidade permitindo envolver também as áreas de formação pessoal e social, expressão plástica, dramática e musical.

Através desta temática central serão abordados conteúdos específicos do Português, nomeadamente, a produção de texto de opinião e os tipos de texto.

Na área da Matemática o trabalho está centrado na resolução de problemas, aproveitando para trabalhar a notícia fazendo a ponte com os conteúdos trabalhados em Português.

Neste documento consta também uma pequena contextualização da turma para se tornar mais perceptível algumas das escolhas realizadas, sendo que procuraram ir ao encontro das necessidades dos alunos.

As opções tomadas assentaram em algumas teorias que estão expostas no ponto da fundamentação teórica.

As atividades estão descritas em detalhe, por dias e de forma sequencial, acompanhadas da grelhas de planificação e grelhas para a respetiva avaliação das atividades propostas.

Importa referir que a planificação contida neste documento pretende-se que seja flexível, ou seja, este não é um documento estanque e pode sofrer pequenos ajustes de forma a garantir uma melhor adequação aos alunos no decorrer da prática.

Fundamentação teórica das opções didáticas

O desenvolvimento da minha prática inscreve-se no modelo cognitivista. Este modelo, de acordo com Marques (1999), assenta na perspetiva de que a educação se deve centrar no desenvolvimento cognitivo da criança, dotando-a de capacidades que saiba aplicar aos problemas reais com que se depara. Portanto, "aprender a pensar é, assim um dos mais importantes objetivos na concepção piagetiana da escola". (p. 36)

Segundo o mesmo autor, embora a ênfase seja dada ao desenvolvimento cognitivo da criança, importa acrescentar que o desenvolvimento social e moral da criança tem também peso no seu processo de formação.

Aos olhos desta teoria, o ensino deve proporcionar ao aluno oportunidade de interagir sobre os objetivos e envolver-se diretamente com os problemas reais, ou seja, a criança deve vivenciar as suas aprendizagens de forma a tirar partido delas e construir a sua própria aprendizagem.

Essa aprendizagem deve ser, o mais natural possível, para que se torne significativa para a criança e, conseqüentemente, fomente a motivação em aprender.

O papel do professor é, de acordo com Marques (1999), organizar o ambiente educativo, orientar o trabalho, facultando os materiais necessários, e, ao mesmo tempo, avaliar a criança, "a fim de ser capaz de sugerir actividades e fazer perguntas no momento certo para que a criança possa desenvolver o seu próprio conhecimento." Wadsworth (1984) citado por Marques (1999, p. 36).

Este modelo pedagógico apela assim a métodos de aprendizagem mais ativos. Assim sendo, focarei o meu tipo de atividades no método ativo, embora não de forma exclusiva, uma vez que, existem alguns momentos em que me auxiliarei de outros métodos, nomeadamente, o expositivo, porque, neste contexto, encontramos alunos muito dependentes, sendo necessário um papel mais ativo da parte do professor. Por outro lado, em determinadas situações em que vão ser inseridos conteúdos novos, eu própria me sentirei mais segura neste registo.

Segundo Pinheiro e Ramos (1998), o método ativo coloca o aluno no centro da educação permitindo uma maior participação deste no seu processo de aprendizagem, proporcionando aulas mais dinâmicas e participativas.

De acordo com o mesmo autor, o método expositivo é mais centrado nos conteúdos e auxilia-se mais da exposição de ideias de forma oral. O autor acrescenta que este método não deve ser predominante, contudo defende que " pode ser uma boa opção para transmitir aspectos do saber que posteriormente poderão ser objeto de outro tipo de tratamento." (Pinheiro e Ramos (1998, p. 30).

Posto isto, pretendo dar importância ao que a criança já sabe, recuperando as aprendizagens que ela já fez anteriormente, quer na escola ou fora dela, para tomar como ponto de partida às novas aprendizagens. Deste modo, promovo momentos de discussão e levantamento de ideias onde serão levantadas questões para que os alunos tentem chegar à resposta.

Haverá também lugar para trabalhos em pequeno grupo e grande grupo com o propósito de criar um ambiente de discussão e partilha de ideias, e também valorizar o trabalho cooperativo.

As competências serão trabalhadas de forma interdisciplinar, ou seja, ao planificar tentei que os temas a abordar tivessem ligação de uma forma lógica e coesa. Assim sendo, tive como ponto de partida o conteúdo a trabalhar em Estudo do Meio, nomeadamente a pele e tentei fazer a ponte com as restantes áreas, levando-me, às diferentes cores da pele, e, posteriormente, ao tema da multiculturalidade e respeito pela diferença.

Deste modo, trabalho as competência da área do Português em simultâneo com a Cidadania e Formação Pessoal. De acordo com Vilela (2010), "deverá ser preocupação dos educadores/professores promover uma Educação para Valores que favoreça o desenvolvimento moral autónomo dos alunos, no sentido destes se apropriarem de critérios de análise e de acção." (Vilela, 2010., p. 7).

Nesta linha, uma das dimensões trabalhadas é a educação para os direitos humanos onde se inscreve o tema desenvolvido.

Para a abordagem desta temática, associei também a expressão dramática com o recurso à dramatização com fantoches, a expressão musical e a expressão plástica.

No Português, incido na área da produção de texto, visto esta ser uma fragilidade da turma, mas também pretendo que os alunos desenvolvam competências para comunicar de forma adequada e estruturada.

É minha intenção dar continuidade a estas competências, em futuras intervenções, com o intuito de proporcionar maior contacto com o texto escrito contribuindo para enriquecer o vocabulário, a capacidade de interpretar e de comunicar, quer oral quer escrita.

Estas intenções relacionam-se com o Novo Programa do Português que defende um ambiente escolar "rico em experiências de leitura e escrita" e que "deve processar-se a aprendizagem gradual de procedimentos de compreensão e de interpretação textual, associados a promoção do desenvolvimento linguístico dos alunos, à sua formação como leitores e à ampliação do conhecimento experiencial sobre a vida e sobre o mundo." (M. E., 2007, p. 22)

Na área da matemática o ênfase será dado à resolução de problemas através de guiões de tarefas e fazendo abordagem ao método de Polya. De acordo com Ponte (2005) que cita Polya, "o professor deve propor problemas aos seus alunos para que estes se possam sentir desafiados nas suas capacidades matemáticas e assim experimentar o gosto pela descoberta." (p. 3)

Relativamente à escolha de guiões de tarefas, tive por base as ideias defendidas pelo mesmo autor, que refere as tarefas mais longas como proporcionadoras de aprendizagens mais ricas, profundas e interessantes.

Resolver problemas relacionados com o quotidiano confere à matemática uma visão mais significativa para a criança e, neste âmbito procurei formular problemas com que eles se possam deparar, nomeadamente, como enunciados de notícias. Segundo Serra (2008), "numa

perspetiva educacional, formular e resolver problemas é uma componente essencial de fazer a Matemática e permite o contacto com ideias matemáticas significativas." (p. 14)

Ainda nesta área será trabalhado o cálculo mental visto também ser uma dificuldade apresentada na turma. A este respeito, Ribeiro, Valério e Gomes (2009) defende que "o cálculo mental, é fundamentalmente, um caminho de aproximação aos números e à informação numérica" (p.7), e acrescenta que esta competência deve ser elementar.

. Descrição das atividades

2ª feira (dia 15/10/2012)

Na 2ª feira de manhã a aula iniciará na área da matemática, nomeadamente, com a exploração de um novo conteúdo, o milhão.

Em primeiro lugar, será feito o registo dos alunos que fizeram o trabalho de casa (t.p.c). Em seguida, tal como já é rotina da turma, os alunos serão convidados a realizar um exercício de cálculo mental (ver anexo 3) cronometrado que será corrigido, seguidamente, no quadro. Aqui pretende-se também fazer o levantamento de algumas estratégias de cálculo utilizadas pelos alunos e não apenas a exposição de um resultado no quadro.

No final desta etapa, serão distribuídas, por cada criança, umas régua com a representação dos números até à classe dos milhões (ver anexo 4). Em simultâneo, haverá um recurso no mesmo formato, mas em tamanho superior (ver anexo 5), para ser explorado pela estagiária no quadro.

Esse material será explorado, inicialmente, com um número da classe dos milhares para recuperar o que as crianças sabem, como forma de fazer a ponte para a nova informação e servirá para que as crianças acompanhem todo o guião de trabalho (ver anexo 6) que será distribuído de seguida.

Após alguma exploração em grupo, os alunos irão trabalhar o guião, ao longo da restante aula. Esse guião será lido pela estagiária, no início, como forma de clarificar as dúvidas que possam surgir.

Posto isto, será dado tempo para que cada aluno possa desenvolver as suas tarefas de forma autónoma. Neste tempo, a estagiária irá apoiar o A17, que terá uma ficha do manual para trabalhar o milhar (ver anexo 7), adequada ao seu nível, com o recurso ao ábaco e à régua, igual à dos restantes colegas, que embora tenha mais classes do que as que ele vai trabalhar, servirá para o futuro e para que este se sinta mais integrado.

Em seguida, a estagiária circulará pela sala para auxiliar os alunos com mais dificuldade e no caso de constatar muitas dificuldades será feita uma paragem para se resolver as tarefas em conjunto no quadro. Se os alunos forem conseguindo realizar as tarefas sem problemas, a correção será feita no quadro, por alguns alunos selecionados.

Espera-se que os alunos concretizem as tarefas 1 e 2 e que o restante guião continue na aula do dia seguinte.

Após a pausa do intervalo, que decorrerá entre as 10.30h e as 11h, será a aula de Português que vai incidir nas competências da produção de texto e comunicação oral. Com a intenção de proporcionar a interdisciplinaridade com o estudo do meio, nomeadamente, a pele, todo este momento terá como pano de fundo o texto "Meninos de todas as cores".

Numa primeira fase, será concedido um guião de trabalho com os diferentes passos a realizar ao longo da aula (ver anexo 8). Com todos na posse do guião, será feita uma leitura modelo do texto a trabalhar. Em seguida, far-se-á a identificação das diferentes personagens referidas no texto, seguindo-se a leitura dialogada com a participação de todos os alunos, agrupados por seis elementos.

Posteriormente, haverá um debate para levantamento de ideias acerca do texto e a temática que o envolve. Pretende-se que este sirva de preparação para a elaboração de um texto de opinião que se fará seguidamente. Posto isto, na restante aula os alunos terão tempo para elaborarem os seus textos calmamente, sendo que a estagiária andarà pelos lugares a fazer acompanhamento das dificuldades. Os alunos que não terminarem o texto durante o tempo de aula levarão a tarefa de o completar para trabalho de casa. Pelas 12.30h a aula será terminada e os alunos irão almoçar.

Para o A7 haverá uma atividade que consiste na elaboração de um colar que será feito por duas fases. Em primeiro lugar, serão pintadas bolinhas com cores diferentes e quando essa tarefa terminar e as mesmas secarem será solicitado que este faça o enfiamento das peças no fio de acordo com uma sequência, com o intuito de trabalhar a motricidade fina. Sendo que este aluno sai muitas vezes da sala, a atividade será elaborada de forma repartida e demorada.

No regresso, pelas 13.30h, retomarão a aula, na área da expressão plástica, nomeadamente, com a elaboração de fantoches (ver anexo 9) e sua decoração, com tecidos e outros materiais, representativos de crianças todas diferentes, de acordo com o texto "Meninos de todas as cores", estudado em Português. Esses fantoches serão de utilidade para o dia seguinte para a dramatização do texto.

Na última parte da aula, será apresentada à turma uma música, alusiva ao tema, para que se cante em conjunto. A letra da mesma encontra-se no guião de trabalho (ver anexo 8) para que possam cantar acompanhando através da leitura. Os alunos levarão como trabalho de casa a tarefa de trabalhar melhor a música, copiando a letra para o seu caderno. A aula terminará pelas 14.15h.

3ª feira (dia 16/10/2012)

Este dia terá início com a dramatização da história, preparada no dia anterior. Os alunos chegarão à sala, pelas 9h, serão questionados pelo t.p.c. e, em seguida, serão divididos em 4 grupos. Para fazer a distribuição dos grupos, vão tirar à sorte um papel com o nome da personagem que terão de representar.

Assim sendo, cada grupo fará uma dramatização (ver recurso em anexo 10) e será dado um estímulo, no sentido de terem liberdade para acrescentar alguma coisa pessoal ao texto da história, como improvisado, fazendo assim apelo à criatividade de cada um.

No final desta tarefa, no tempo restante da aula, regressaremos aos textos realizados na aula anterior e será pedido para cada aluno ler as suas ideias para a turma que serão registadas no quadro como forma de rascunho de um texto. Os alunos terão de fazer o registo no seu caderno.

Pelas 10.30h os alunos irão ao intervalo. No regresso, pelas 11h, dar-se-á início ao bloco de matemática com a realização de um pequeno exercício de cálculo mental (ver anexo 11). Após a correção no quadro, retomarão o guião, dado na aula anterior, com as tarefas de matemática, relacionadas com o milhão. A gestão da restante aula será feita em circuito pelos lugares para acompanhar os alunos com mais dificuldade e de outros níveis. A seguir, será feita a correção no quadro. Os alunos levarão para trabalho de casa a página 104 do manual de matemática, e para o A17, a página 34 do manual de matemática (2º ano).

No período da tarde, começará o bloco de estudo do meio, onde se irá abordar a pele. No início far-se-á o levantamento de ideias acerca do que eles já sabem acerca da pele.

Após este pequeno diálogo, será colocado um vídeo (ver anexo 12) para ser trabalhado ao longo da aula, em simultâneo terão um anexo com espaços em branco (ver anexo 13) para serem preenchidos através do levantamento das informações retiradas do vídeo. Também haverá um recurso da pele em 3D (ver anexo 14) que será explorado simultaneamente.

No final do anexo encontra-se um espaço em branco (ver anexo 13) onde irão marcar as impressões digitais para fazer a comparação com os colegas. A aula termina pelas 15h.

4ª feira (dia 17/10/2012)

A aula terá início com o bloco de matemática. Far-se-á o registo dos alunos que realizaram o t.p.c. e, em seguida, serão distribuídos os guiões de trabalho de resolução de problemas (ver anexo 15). Esse guião será lido pela estagiária de forma a identificar as dificuldades dos alunos. Será feita uma abordagem aos problemas segundo o método de Polya. Deste modo,

pretende-se que as tarefas sejam feitas em conjunto no quadro para que todos acompanhem os passos a seguir e no final passam para o caderno as resoluções. O guião tem 3 desafios, para ser mais segura a gestão do tempo, contudo espera-se que não sejam todos realizados até ao final da aula, ficando os restantes para recuperar na intervenção seguinte.

Pelas 10.30h vão ao intervalo e regressam pelas 11h para iniciar o bloco de português. Este momento será iniciado com a apresentação de um power point (ver anexo 16) que sintetiza os diferentes tipos de texto e os passos desejáveis a uma boa produção de texto. Portanto, o power point será apresentado e discutido com os alunos que terão um exemplar igual para documentar no caderno para futuras produções de texto.

Em seguida, retomar-se-á as ideias que foram levantadas na aula do dia anterior acerca do tema que tem vindo a ser desenvolvido em português e será formulado um texto coletivo, escrito pela estagiária no quadro, enquanto os alunos o copiam para o seu caderno.

Esse texto obedecerá às regras dadas no power point, nomeadamente, introdução, desenvolvimento e conclusão. Pelas 12.30h a aula terminará.

Avaliação

A avaliação das competências formuladas será feita através da observação aos alunos e com base na análise dos guiões trabalhados na sequência. Esses registos serão marcados nas grelhas de avaliação formuladas para o efeito (ver anexo 1), onde constam indicadores de desempenho que nascem dos descritores de desempenho formulados na grelha de planificação. Também haverá o registo das metas de aprendizagem na grelha correspondente (ver anexo 2).

Anexo 8

Planificação da festa do dia do pai

(Sequência Didática I do Pré-escolar)

19 de Março de 2012 (Segunda-feira)

O dia iniciar-se-á com o acolhimento das crianças no tapete. Este primeiro tempo da aula inicia com uma conversa acerca do que fizeram durante o fim de semana finalizando com uma breve explicação das actividades e dos diferentes espaços preparados para eles e para os seus pais no polivalente.

Este vai ser um dia cujas rotinas diárias vão sofrer algumas alterações, uma vez que, festejando o Dia do Pai, estes vão poder estar presentes, durante toda a manhã, a assistir e a participar nas actividades dos seus filhos. Neste sentido, é de esperar que as crianças, em geral, se apresentem mais irrequietas devido à excitação de ter os seus pais presentes.

As crianças serão encaminhadas com os seus pais para o pavilhão onde existirão várias áreas com actividades distintas com o objectivo que estas se façam em sistema de rotatividade, ou seja, serão constituídos pequenos grupos para trabalhar em cada área e vão rodando entre si.

A abertura da festa será com a realização de um placar em papel de cenário onde as crianças e os seus pais deixarão a impressão das palmas das mãos com o nome escrito por baixo, o papel de cenário estará afixado na parede e as tintas, apropriadas ao contacto com a pele, estarão dispostas numa mesa de apoio.

À medida que regressam ao espaço, depois de lavarem as mãos, a estagiária, irá organizar as crianças por grupos e dividi-los pelas diferentes áreas, nomeadamente: o espaço da rasgagem e colagem, onde se prevê a elaboração de um poster, onde está escrita a palavra “Pai”, com letras grandes e largas, para serem preenchidas com pedaços de revistas e jornais, sendo objetivo que as crianças procurem pedaços de folhas com cores diferentes para que, no final, haja um contraste entre a palavra Pai e o restante espaço da folha (ver anexo II); o espaço dos jogos, onde estará disponível o jogo do dominó, do bingo (máximo 8 jogadores) e do uno (máximo 10 jogadores), prevê-se que o pai faça equipa com o seu filho para que se possam ajudar mutuamente, sendo que estes jogos permitem trabalhar a comparação entre

duas quantidades iguais, a noção de número e as cores, bem como a capacidade de atenção e memorização; o espaço do desenho com o tema “Um passeio com o meu pai”; e o espaço da moldagem de um objecto alusivo ao dia utilizando o barro.

Estas actividades lúdico-pedagógicas far-se-ão em simultâneo, como já foi referido, e a divisão pelas diferentes áreas far-se-á segundo a distribuição de umas marcas de cores diferentes para cada criança.

Pelas 10h30 será distribuído o leite escolar em simultâneo com o café para os pais e em seguida, realizar-se-á o intervalo, onde estes poderão estar presentes a brincar com os seus filhos. Será dinamizado o jogo da “batata quente” (ver anexo III) para quem quiser jogar.

Para finalizar a festa, haverá um placar de pé com a imagem do “Super Pai” (ver anexo IV), para que o pai se coloque por detrás, aparecendo na frente apenas a sua cara. A ideia é tirar uma fotografia, com o seu filho, para que esta possa ser utilizada na moldura que o grupo fará na parte da tarde e que entregará ao pai no regresso a casa. Após tirarem o retrato (responsabilidade da estagiária) será pedido aos pais que se juntem para que possam receber a prenda dos filhos.

É de referir que durante todo o tempo estará montada a mesa com um lanche, recheado com alguns alimentos preparados pelas próprias crianças previamente, num trabalho de cooperação entre a estagiária e a educadora cooperante.

Pretende-se que as actividades decorram de uma forma dinâmica, ou seja, a ordem das escolhas será feita livremente ressalvando a realização dos trabalhos das diferentes áreas por todos. Os materiais estarão preparados para que possa haver autonomia na realização das tarefas e para que seja possível a estagiária dar apoio a diferentes situações que possam ocorrer ao longo da manhã, nomeadamente, a chegada de alguns pais que só poderão estar presentes num período mais curto e a garantia de que todos os participantes tiram a fotografia necessária para a elaboração da moldura no período da tarde.

Na hora prevista para o almoço chamarei as crianças para um comboio recorrendo à música “Se eu fosse um peixinho” (ver anexo V). Em seguida, as crianças irão lavar as mãos e seguir para o almoço.

No período da tarde iniciar-se-á com uma sessão de relaxamento, no tapete, para que as crianças regressem à calma e que estabilizem o seu nível de concentração. Este relaxamento, denominado a casa do sono, é um jogo de mãos, em que a mão vai fazendo vários gestos em redor do rosto, simulando que a casa vai fechar toda para que se possa dormir e no final, muito lentamente, faz os gestos contrários para voltar a acordar. (ver anexo VI).

Após o relaxamento, quando se conseguir estabilizar o grupo, a educadora começará por perguntar às crianças a sua opinião acerca do que aconteceu de manhã, por exemplo, *“Acham que a manhã correu bem? Porque acham que os vossos pais gostaram? E vocês também gostaram? Porquê? Que actividade preferiram?”*

Este momento é muito importante para criar um “elo” de ligação entre as crianças e a educadora, uma vez que, através de uma conversa que parece descontraída e desprovida de conteúdos, e que por isso, as crianças se sentem mais à vontade, pode tornar-se uma óptima oportunidade da educadora perceber dificuldades ao nível da comunicação, na articulação de palavras ou sons, tentar apurar os conhecimentos prévios e ao mesmo tempo, servir de ponte para introduzir os temas ou as actividades planeadas.

Na parte final da conversa relembrar-se-á as fotografias retiradas de manhã com os pais, para fomentar curiosidade nas crianças. Em primeiro lugar, será apresentada a moldura que vai servir para colocar a fotografia e explicado o sítio onde devem fazer um desenho para enfeitar a moldura (ver anexo VII), a fotografia, será mostrada à criança no final desta terminar o seu desenho para que não haja distrações.

As crianças vão saindo do tapete uma a uma, em primeiro serão chamadas as que irão para actividades de escolha livre até ficar um pequeno grupo de seis crianças para começarem a actividade da moldura.

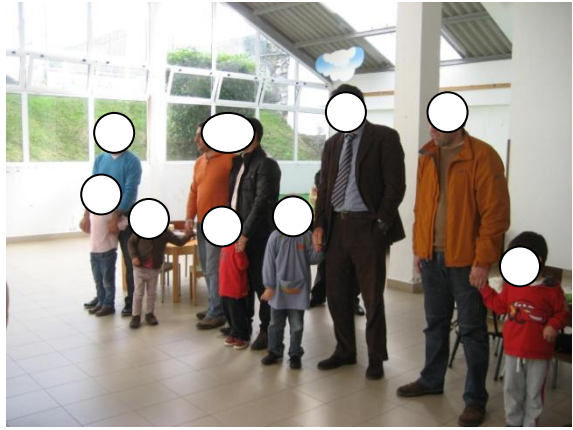
A estratégia de trabalhar em pequenos grupos tem a intenção de não romper com as rotinas implementadas no grupo, tentando aproveitar a forma ordeira como estas crianças estão habituadas a brincar nas áreas, conseguindo desta forma uma observação mais controlada do grupo e prestar um apoio mais individualizado às crianças que apresentem dificuldades. À medida que os desenhos sejam terminados, a fotografia será colocada na

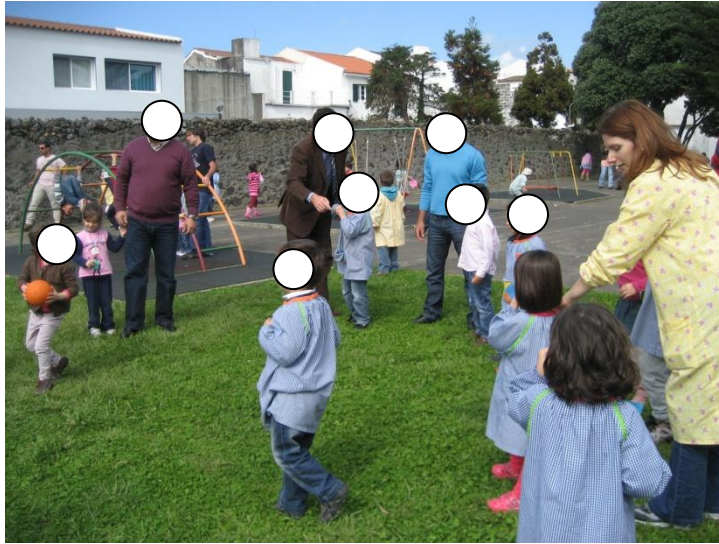
moldura, finalizando o trabalho e faz-se a rotação da criança que terminou com uma que se encontre em actividades livres.

Quando faltarem 15 minutos para a hora do lanche, será pedido aos alunos para regressarem ao tapete, através da música “está na hora de arrumar” (ver anexo VIII), implementada nas suas rotinas, onde será preenchido o quadro de comportamentos, para isso, será perguntado a cada criança qual é a cor da bola que consideram merecer e porquê. Esta estratégia tem a intenção de perceber o sentido de justiça e autoavaliação de cada um e estimular o cumprimento de regras e respeito pelos outros.

Anexo 9

Fotografias da festa do dia do pai





Anexo 10

Planificação da atividade "hora da história"

Situando a minha intervenção, saliento que a presente planificação não se baseia apenas no embelezamento e conforto da área da biblioteca, mas pretendo também implementar algumas rotinas que ajudarão, assim espero, a criar um maior envolvimento com a leitura.

Para isso, implementarei uma nova rotina de contacto com o livro com a "hora da história", ou seja, o objetivo é criar um hábito de exploração de histórias mais regular que poderá ser feito pela educadora, mas também pelas próprias crianças de uma forma rotativa. Irei iniciar a «hora da história» no primeiro dia de intervenção e, em seguida, escolher uma criança para cada dia que leva um livro para casa e o lê com os pais para fazer o conto da mesma no dia seguinte, ao mesmo tempo que apresenta as imagens ao grupo.

Importa referir que nesta hora será também importante trabalhar não apenas as histórias de texto narrativo, mas é também de extremo interesse trabalhar a poesia, as rimas, lengalengas, porque é um tipo de texto que permite desenvolver a consciência fonológica. Freitas, Alves e Costa, (2007) referem-nos por exemplo que "*a sensibilidade à rima constitui um bom precursor de formas mais elaboradas de consciência fonológica, direcionando a atenção das crianças para a forma das palavras*" (p. 49).

Silva (1997) diz-nos que "*as histórias lidas ou contadas pelo educador, recontadas e inventadas pelas crianças, de memória ou a partir de imagens, são um meio de abordar o texto narrativo que, para além de outras formas de exploração, noutros domínios de expressão, suscitam o desejo de aprender a ler*" (p. 70).

Ainda nesta linha da exploração de histórias, Teale e Sulzby, (1987) citados por Pessanha (2001), defendem que "*o facto da criança ouvir e presenciar situações de leitura, de Conto e Reconto, desempenha um papel chave no desenvolvimento da leitura*", e dizem ainda, "*que estas crianças são leitores precoces e apresentam mais capacidades de decifração da leitura e da escrita*" (p. 115).

Com este tipo de estratégias pretendo também desenvolver a parte da comunicação oral, ou seja, colocando a criança num papel bastante ativo de comunicação espero desenvolver a sua capacidade de comunicar para o público e dar a oportunidade de interações de criança/criança e não apenas de adulto/criança.

Sim-Sim, Silva e Nunes (2008) argumenta que

"para que a criança possa aprender a comunicar usando a língua do seu grupo social, precisa de estar imersa num ambiente onde ouça falar e

tenha oportunidade para falar (...)o ambiente educativo do jardim-de-infância constitui um dos contextos privilegiados para o desenvolvimento das capacidades comunicativas e linguísticas da criança, necessárias a um futuro desempenho social e académico com sucesso"(p. 29).

Este grupo em particular não apresenta grandes dificuldades a este nível, contudo considero que nunca é de mais desenvolver a comunicação verbal, até porque existem alguns casos de crianças que têm ainda alguma dificuldade em comunicar para o grande grupo e esta estratégia poderá servir para ajudá-las a ultrapassar essa dificuldade.

Embora esta minha intervenção enfatize a área da expressão e comunicação: domínio da linguagem oral e abordagem à escrita é feita uma articulação com diferentes áreas de conteúdo. De acordo com as Orientações Curriculares "*as áreas de conteúdo deverão ser consideradas como referências a ter em conta no planeamento e avaliação de experiências e oportunidades educativas e não como compartimentos estanques a serem abordados separadamente*". (p. 48)

Anexo 11

Transcrição do vídeo sobre a apresentação da nova rotina da "hora da história"

Conversa no tapete (apresentação da nova rotina "hora da história")		
Data: 21/05/2012	Duração: cerca de 3 minutos	
Educadora:	Alunos	Inferências
"vou dizer-vos uma coisa muito importante" A Ana tem aqui este livro que se chama "ciclo do livro", mas não vamos ler esta história hoje....	Amanhã - respondem vários alunos.	As crianças parecem atentas
"Eu de manhã li-vos uma história, não foi? Aquela história gira do livro ativo, não foi?"	Sim - responde a P18	
"Durante toda esta semana vamos ter uma história, todas as manhãs. Quando chegarmos, vamos contar uma história, mas há uma surpresa...."	Eu sei o que é - responde o P8	
"vamos ver se tu sabes..." É que amanhã quem vai contar a história não sou eu.	É um senhor - responde a P18	
"Eu vou escolher um menino para levar o livro para casa. E é esse menino que vai ler a história amanhã... Vai ler não, vai contar,	Eu sei ler - responde P8 Mas eu não sei ler. Só sei ler	

<p>porque vocês não sabem ler..."</p> <p>"Diz lá Martim, tu consegues o quê?"</p>	<p>ao contrário - responde o Martim M</p> <p>Ao contrário - diz Martim M</p>	
<p>A estagiária ri-se um pouco e diz: "Olha, durante esta semana vou dar-te um livro também para tu leares para casa..."</p>	<p>Martim ri-se.</p> <p>Eu também quero - respondeu o P11 primeiro e depois outros alunos.</p>	<p>Parece ficar feliz.</p>
<p>"Todos vão... Assim não dá"</p> <p>Estagiária faz um silêncio e chama a atenção de P10 e P11 com uma tom de voz muito baixo)</p>	<p>P11 e P10 começam a falar um com o outro</p>	<p>Estagiária tenta acalmar o grupo que parece ter ficado entusiasmado</p>
<p>Quando o grupo acalma a estagiária prossegue. "Todos os meninos vão levar um livro para casa, mas não vai dar para todos durante esta semana. Mas a partir de hoje todos os meninos levam um livor para casa num dia e no dia seguinte contam a história aqui de manhã, tá bem?"</p>	<p>Sim - respondem em coro</p>	

Anexo 12

Transcrição do vídeo da história do Rei Leão

Conto da história do "Rei Leão"		
Data: 23/05/2012	Duração: cerca de 5 minutos	
Contextualização do momento: O aluno que vai contar a história está sentado numa cadeira no topo do tapete onde as outras crianças permanecem sentadas a ouvir a história. A estagiária encontra-se sentada ao lado do aluno para o ajudar no conto.		
Educadora:	Alunos	Inferências
Estagiária incentiva a criança a mostrar as imagens aos outros meninos. "Vamos mostrar aos meninos"	Martim fica em silêncio e não começa a história	Parece indeciso
A estagiária começa a contar a história. " Sou o Simba, o filho do rei Mufaça e da Rainha Sanabi e nasci no rochedo do Rei. Então, neste dia os animais juntaram-se todos para dar as boas vindas ao Simba"	Martim, vira a página e começa a contar: "E depois ele estava a sonhar e ele acordou"	A estagiária tenta ajudar a criança transmitindo-lhe confiança
"Vamos ver Martim... Não te lembras bem da história, mas não faz mal porque a Ana vai ajudar-te. Então, enquanto crescia o tempo passava muito depressa, tinha muito para aprender porque um dia		

<p>seria ele o Rei. Ele brincava também com a sua amiga que se chamava..."</p>	<p>Nala - responde o Martim</p>	
<p>"Nala, muito bem... Mas o tio Scart, este leão que está aqui, queria o reino do pai do Sima e, por isso, com a ajuda das hienas sempre prontas para fazer o mal, criou várias armadilhas para os afastar do poder..."</p>	<p>Martim vira a página e continua a contar: "Depois o mau acordou e levou o pai do Simba para os búfalos"</p>	
<p>"Então um dia levou-os para o desfiladeiro e disse que o pai tinha que esperar ali pelo Simba (continua a ler a história)</p>	<p>Martim vira a página e continua: "Depois apareceu o Timom e o Pumba"</p>	
<p>"Muito bem Martim. O Timom e o Pumba encontraram o Simba caído no chão, ajudaram-no e levaram-no para livre com ele...(continua a contar a história)</p>	<p>Martim vira a página e continua: "Depois o Simba</p>	

	viu o seu pai no céu.	
"Muito bem Martim. Uma noite o pai do Simba apareceu no céu e disse-lhe para ele voltar para o reino para ocupar o lugar dele. E depois Martim?"	"Depois ele foi para onde tinha outra vez os elefantes"	
"Vamos ver... Decidi regressar e descobri que as chuvas tardavam, as terras estavam ressequidas..." (continua a história)	Depois, apareceram elefantes, zebras, as girafas e eles casaram"	
"Casaram, muito bem..." (continua a história) "E agora..."	Vitória, vitória, acabou-se a história - dizem várias crianças	
"Muito bem Martim. Vamos bater palmas ao Martim"	As crianças batem palmas.	

Anexo 13

Transcrição do vídeo da história do Faísca Mqueen

Conto da história "Faísca Mcqueen"		
Data: 24/05/2012	Duração: cerca de 2 minutos	
Contextualização do momento: O aluno que vai contar a história está sentado numa cadeira no topo do tapete onde as outras crianças permanecem sentadas a ouvir a história. A estagiária encontra-se sentada ao lado do aluno para o ajudar no conto..		
Educadora:	Alunos	Inferências
"O P11 vai então começar. O que ele nos vai apresentar primeiro? A..."	"A história" - responde P11	
"De quem? Qual é o título desse livro?"	"Do Faísca Mcqueen" - responde P11	
"Onde está o título?"	P11 aponta para o título	
"Como se chama a parte da frente do livro?"	"capa" - responde a P18 "contracapa" - diz P11	
"A parte da frente P11?"	"capa" - diz P11	
"E a contracapa?"	P11 mostra a contracapa do livro	
"E na capa temos o título do livro que é o faísca Mcqueen. Então vamos lá contar a história, P11"	P11 abre as páginas do livro e mostra aos colegas	
"Que aconteceu?"	"Não sei" - responde P11	
"A Ana vai ajudar-te. Eu vou começar a ler a história. Sou o Faísca Mcqueen, um carro de corrida... (continua a ler a página). E depois P11?"	"Eles empataram... O faísca está com a língua de fora para ganhar."	

Anexo 14

Documento de apoio sobre "A Segunda Dinastia"

A crise da sucessão

Quando D. Fernando morreu, em 1383, a sua única filha, D. Beatriz, não tinha ainda herdeiros, visto que contava ainda com 11 anos de idade. Cabia, assim, a D. Leonor, assumir a regência do reino até haver um herdeiro legítimo por parte de D. Beatriz.

Mas esta aclamação com o consentimento do clero e nobreza, gerou um clima de instabilidade e de desagrado em toda a população portuguesa.

O povo revoltou-se, tendo sido acompanhado por alguns nobres e pela burguesia.

Entretanto, o povo castelhano queria invadir Portugal e essa ideia de unir as duas coroas tonava-se cada vez mais forte, pelo que foi necessário encontrar um chefe. Tal acabou por acontecer por iniciativa do povo de Lisboa que, reunido na Igreja de S. Domingos, elegeu D. João, Mestre de Avis, *Regedor e Defensor do Reino*, prometendo este servi-lo e defendê-lo com a própria vida.

O entusiasmo popular invadiu todo o reino, destacando-se as cidades que apoiaram o Mestre de Avis. Contudo, existia uma divisão entre a população Portuguesa:

- o grupo apoiante do Mestre de Avis, composto pelo povo, pela burguesia, por alguns nobres e certos membros do clero;
- o grupo apoiante de D. Beatriz, composto pela nobreza e pelo clero.

Em 1384, os Castelhanos invadiram Portugal e D. João, Mestre de Avis, decidiu esperar as tropas castelhanas em Lisboa pelo que preparou a cidade com armas e alimentos e esperou pelo inimigo.

Os Castelhanos chegaram a Lisboa com um grande exército que subiu ao Tejo e cercou a cidade, isolando-a por terra e por mar. Sucederam-se muitos combates.

O cerco à cidade de Lisboa durou cinco meses e a fome e a miséria começaram a surgir. Quando a fome começou a apoderar-se do exército castelhano, surgiu a peste, que se propagou rapidamente entre os soldados e a D. Beatriz foi também atingida. Então, o rei de Castela, perante a situação de calamidade decidiu levantar o cerco e ordenar a retirada das tropas.



D. João I - O Mestre de Avis (1385-1433)



Era altura para eleger um rei para Portugal. Assim, reuniram-se as Cortes na cidade de Coimbra, em 1385, e foi eleito D. João, Mestre de Avis, como rei de Portugal, conseguindo a nomeação mesmo contra os desejos da poderosa nobreza, com a designação de **D. João I**.

Batalha de Aljubarrota



Os castelhanos não se deram por vencidos, reuniram um grande exército e invadiram novamente o território de Portugal. Mas, D. João I organizou um pequeno exército para os combater. Reuniram-se em Aljubarrota, onde lutaram.

A luta foi difícil porque os Castelhanos eram mais, mas os Portugueses lutaram desesperadamente e o lado Castelhana começou a recuar. O exército português começou a lançar gritos a dizer: já fogem! já fogem!. Então os Castelhanos a pensar que os seus estavam mesmo a fugir, começaram a retirar-se. Assim, a vitória portuguesa aconteceu e a independência foi confirmada pelas armas na Batalha de Aljubarrota.

Depois destas lutas intensas, D. João I, subiu ao trono e reconheceu o esforço e a dedicação de todos os que o apoiaram, sobretudo os membros do povo. O Rei distribuiu

alguns bens a membros da burguesia e fez o povo ser representado no Conselho do Rei. O nível de vida melhorou de certa forma.

Casamento do Rei

D. João I pretendeu reforçar as relações de Portugal com a Inglaterra para que o reino ficasse mais forte. Então, assinou um tratado entre Portugal e Inglaterra e casou com D. Filipe de Lencastre que era filha do Duque Inglês.



D. Filipe de Lencastre era dotada de grande formosura, muito culta, modesta e piedosa. Terá sido um exemplo de esposa, mãe e rainha.

Este casamento deu origem à denominada *Ínclita Geração*, atribuída por Luís Camões, nome pelo qual ficaram conhecidos os Infantes D. Duarte, D. Pedro, D. Henrique, D. Isabel, D. João e D. Fernando.

Devido à educação primorosa e à grande cultura que possuíam, todos os infantes se distinguiram na vida nacional em diversas atividades.

Expansão Marítima

As razões que levaram os Portugueses a serem os primeiros na expansão ultramarina crê-se que terá devido às seguintes condições:

- **Condições geográficas:** Portugal possui uma longa costa marítima e bons portos, o que permitiu uma tradição piscatória e marítima;

- **Condições técnicas e científica:** Portugal tinha pessoas



com bons conhecimentos sobre navegação, conseguidos pela atividade piscatória. Também já

utilizavam instrumentos náuticos que permitiam a navegação astronómica (bússola, quadrante, astrolábio, balestilha). A Portugal deve-se também o desenvolvimento da Caravela, que substituiu a "barca" utilizada durante a Idade Média.

- **Condições Políticas:** Portugal era o único reino europeu com estabilidade política, na sequência da crise de 1383/1385 e com as suas fronteiras definidas, além de que tinha uma sociedade estruturada e com ambições a vários níveis.

Todos os elementos da sociedade tinham interesses e motivos que desejavam alcançar, pelo que viam na ideia de expansão ultramarina a hipótese de os poder concretizar.

A coroa queria alcançar mais prestígio, solucionar as dificuldades económicas do reino e combater os Muçulmanos.

A nobreza queria conquistar novos domínios, ocupar novos cargos e alcançar prestígio militar.

O clero queria divulgar a fé Cristã e aumentar o poder da Igreja.

A burguesia queria obter novos mercados e conseguir lucros.

O povo queria melhorar as condições de vida e conseguir novos postos de trabalho.

Conquista de Ceuta

A conquista de Ceuta, em **1415**, marcou o arranque da expansão portuguesa.

Ceuta está situada no Norte de África, próximo do estreito de Gibraltar, e, nessa altura, constituía um importante centro de comércio, pelo que todos os grupos sociais estavam de acordo com a decisão da sua conquista.

Em 1415, D. João I partiu com os seus filhos D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique para conquistar Ceuta.

Mas esta conquista foi um fracasso a nível económico, porque os Muçulmanos desviaram as rotas comerciais para outras cidades. Como defesa aos ataques muçulmanos, os Portugueses tiveram que fortificar a cidade e nela manter sempre alguns militares. O lucro que tanto se ambicionava depressa deu lugar a despesas para a Coroa Portuguesa.



Arquipélago da Madeira - Descoberta

Três anos após a conquista de Ceuta, dois escudeiros do Infante D. Henrique - **João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira** - ambicionando descobrir terras, pediram ao Infante ajuda e barcos para poderem concretizar as suas pretensões.

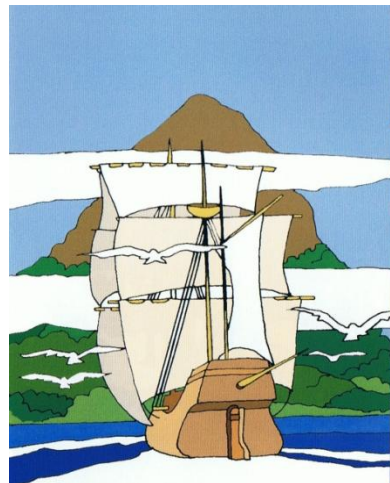
Os dois escudeiros partiram, em **1418**, com a intenção de chegar à costa da Guiné. No entanto, os barcos onde seguiam foram apanhados por uma forte tempestade e arrastados para uma ilha do oceano Atlântico. Gratos a Deus por estarem vivos e por terem encontrado um refúgio, passaram a chamá-la de **Porto Santo**.

Os navegadores regressaram ao reino para anunciar a descoberta da ilha, voltando, no ano seguinte, acompanhados de **Bartolomeu Perestrelo**. Quase a chegar a Porto Santo avistaram um ponto cinzento, descobrindo uma nova ilha, a Madeira. A ilha recebeu este nome devido à imensa quantidade de árvores que lá existia.

As ilhas de Porto Santo e da Madeira começaram a ser povoadas e exploradas logo após a sua descoberta por capitães-donatários escolhidos pelo rei. Esses capitães donatários foram o **João Gonçalves Zarco, Tristão Vaz Teixeira e Bartolomeu Perestrelo**.

As terras foram divididas e havia a obrigação de cultivar num determinado período de tempo, caso não fosse cumprida essa obrigação, perdia-se o direito a essa terra.

O solo era muito fértil, pelo que as culturas a semear eram várias. As principais foram a cana-de-açúcar, os cereais e as vinhas.



Arquipélago dos Açores - Descoberta

Em **1427**, quase dez anos depois da descoberta da Madeira, atingiram-se as ilhas de Santa Maria e de S. Miguel, no arquipélago dos



Açores, numa expedição comandada por **Diogo de Silves**. Só alguns anos depois se descobriram as restantes ilhas.

A exploração e colonização dos Açores tiveram o seu início em 1439, por ação do Infante D. Henrique, que nomeou Gonçalo Velho Cabral como capitão-donatário.

O povoamento dos Açores foi feito por colonos do Reino de Portugal e por alguns estrangeiros.

O clima húmido e o solo fértil dos Açores permitiram o desenvolvimento da criação de gado, a produção de cereais, sobretudo trigo e também de plantas tintureiras - como a urzela e o pastel, muito apreciadas em Portugal e também na Europa.

Mais tarde, os Açores tornaram-se muito úteis para se ancorarem as embarcações Portuguesas que vinham do Oriente cheias de especiarias, incensos, lacre, madeiras exóticas, pedras preciosas, pérolas, sedas, damascos, cânfora. Também vinham para cá carregamentos de ouro, escravos, marfim e malagueta.

Assim, os Açores começaram a utilizar algumas dessas especiarias nos seus cozinhados. Como havia muito riqueza nos portos dos barcos, as ilhas começaram a ser atacadas por piratas que vinham para roubar as mercadorias.

D. Duarte - O Eloquente (1433-1438)



Este Rei casou com D. Leonor, e esta foi uma linda história de amor. Eles casaram-se quando o rei era ainda príncipe e D. Leonor tinha apenas 14 anos. Tiveram casados durante 10 anos e nesse tempo tiveram nove filhos. Mas D. Duarte morreu cedo e a rainha ficou inconsolável com a perda do Rei. Enquanto, o seu filho D. Afonso V, não subiu ao trono, por ser muito novo, a sua mãe foi exercendo essa função. Nessa altura, com tanta tristeza pelo Rei ter morrido, assinava sempre os documentos como "*A triste rainha*".

Cabo Bojador - Descoberta

O Cabo Bojador constituía uma grande dificuldade para a navegação da costa ocidental africana, devido à confluência de fortes correntes e aos ventos e tempestades frequentes naquela região. Era um local temido pelos navegadores devido ao perigo que apresentava.

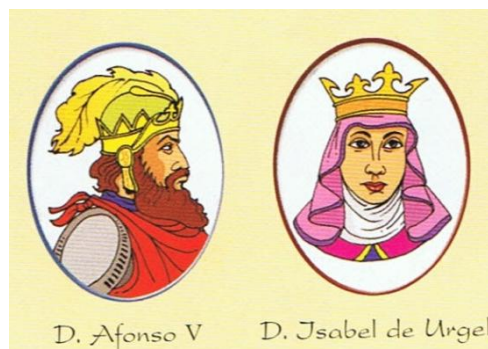
Após algumas tentativas, coube a **Gil Eanes** conseguir a glória de ultrapassar o temido cabo e destruir as lendas que existiam sobre a existência de um Mar Tenebroso que engolia as pessoas e embarcações.

Gil Eanes encontrou uma região desabitada mas com uma excelente paisagem, de onde colheu um ramo de flores perfumadas e de rara beleza às quais chamou "Rosas de Santa Maria". Ultrapassados com êxito as dificuldades na passagem do Cabo Bojador, as embarcações portuguesas seguiram viagem mais para sul encontrando Angra dos Ruivos e Rio de Ouro.

Em **1437**, o Infante D. Henrique e o seu irmão D. Fernando decidiram fazer uma viagem a **Tânger** que ficava perto de Ceuta. Mas esta viagem não correu muito bem, porque os Mouros cercaram as tropas portuguesas e fizeram muitos prisioneiros.



D. Afonso V - O Africano (1438-1481)



D. Afonso V, começou então a reinar com dezasseis anos, casou com a Rainha D. Isabel e tiveram dois filhos, D. João II e Santa Joana.

D. Afonso V, organizou várias expedições em África, sobretudo na região de Marrocos, com o objetivo de conquistar cidades que permitissem diminuir o isolamento e a constante ameaça que pairava sobre a cidade de Ceuta.

Os Portugueses conseguiram conquistar a cidade de Arzila e os Mouros tomaram medo aos Portugueses, pelo que vieram a entregar, em **1417**, a cidade de **Tânger**, sem que tivesse sido necessário lutar novamente.

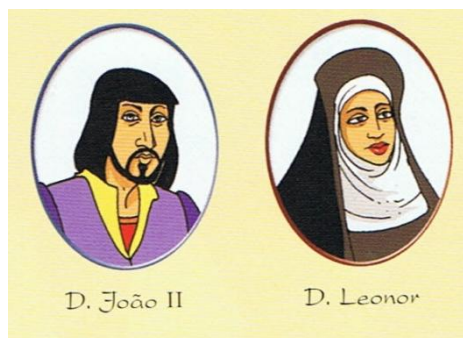
Este Rei dedicou-se à conquista de alguns territórios em África, mas nem por isso se deixaram de realizar viagens de descoberta e exploração ao longo da toda a Costa Africana pela costa Sul.

Em **1456**, **Diogo Gomes** descobriram as ilhas do arquipélago de Cabo Verde.

Em **1471**, foram descobertas a região da Guiné e as ilhas de S. Tomé e Príncipe.

África tinha muito ouro e isso trouxe riqueza ao reino Português.

D. João II . O Príncipe Perfeito (1481-1495)



Este rei casou aos dezasseis anos com a sua prima D. Leonor que foi uma rainha que contribuiu muito para o desenvolvimento cultural do nosso país. Valorizava muito as artes e como era muito religiosa mandou construir muitos conventos. Eles tiveram um único filho, D. Afonso, que morreu da queda de um cavalo aos dezasseis anos.

Com D. João II, a expansão marítima ganhou um novo rumo e um novo objetivo: atingir a Índia por mar, contornando a costa ocidental africana.

Os lucros provenientes do ouro Africano permitiam financiar as viagens de descoberta. Cada viagem passou a ser rigorosamente preparada, tendo em conta os conhecimentos mais desenvolvidos de geografia e astronomia. Desenvolvendo o seu Plano das Índias, D. João II preparou importantes viagens por terra e por mar.

Para o rei D. João II não chegava conquistar as terras, era necessário marcar os novos territórios com um símbolo da presença portuguesa. Foi nesse contexto que se começaram a erigir nos territórios conquistados os padrões.

Os padrões eram monumentos feitos numa única pedra, colocada na vertical, tendo no cimo a Cruz de Cristo e gravadas as armas reais e a data da implantação.

Cabo das Tormentas



Em **1487**, uma pequena armada comanda por **Bartolomeu Dias** continuou a exploração pela costa africana. Em 1488, dobraram o **Cabo das Tormentas**, situado no limite sul de África - estava então estabelecida a ligação entre o Oceano Atlântico e o Índico.

Por ser um território de difícil acesso, existiam muitas lendas sobre um gigante, de nome **Adamastor**, que espalhava o terror sobre as embarcações, provocando naufrágios a quem se atrevesse a passar o Cabo das Tormentas.



Quando Bartolomeu Dias passou o Cabo, reparou que na verdade o que existia era um enorme rochedo no meio do mar que, com as fortes correntes, provocava, a navegadores menos experientes, naufrágios e estragos nas embarcações.

Após a viagem de Bartolomeu, D. João II mudou o nome do Cabo das Tormentas para Cabo da Boa Esperança, por existir uma forte convicção de se concretizar o objetivo de se chegar à Índia por mar.

D Manuel I - O venturoso (1495-1521)



D. Manuel I casou três vezes e teve treze filhos. A primeira rainha foi D. Isabel, mas morreu no parto. A segunda rainha foi a Infanta D. Maria que deu nove filhos ao rei morrendo no parto do seu nono filho. A terceira rainha foi D. Leonor que teve mais dois filhos do rei.

D. Manuel I deu continuidade ao projeto iniciado por D. João II de chegar à Índia e escolheu Vasco da Gama para comandar as navegações.

Índia - A descoberta

No dia 8 de Julho de 1497, os navios portugueses saíram de Portugal, em Belém e foram passando por várias terras já anteriormente conquistadas até que, em Maio de **1498**, chegaram à cidade de **Calecut**, na Índia.



A descoberta estava feita e o projeto que tinha demorado tanto tempo a estudar e planejar tinha chegado ao fim com grande êxito.

Quando **Vasco da Gama** desembarcou, entregou ao Samorim, rei de Calecut, várias cartas que o rei D. Manuel I lhe tinha escrito. Porém, os Portugueses não foram bem recebidos devido à influência dos Muçulmanos junto daquele rei. O regresso de Vasco da Gama aconteceu em Agosto de 1498 chegando a Portugal um ano depois.

D. Manuel I apressou-se ao contar aos católicos a descoberta para que estes confirmassem a posse das terras descobertas.

Brasil - A descoberta

Assim que chegou a frota vinda da Índia, D. Manuel I de imediato organizou uma nova viagem, de forma a reforçar as relações com o Samorim de Calecut, demonstrando-lhe as boas intenções àquele território.

Em **1500**, partiu uma nova frota sob o comando de **Pedro Álvares Cabral**. De todas as viagens, esta foi a armada mais numerosa, sendo que dela faziam parte 13 naus e vários comandantes.

Em Março passaram Cabo Verde porque iam em direção à Índia, mas a certa altura perdeu-se uma nau e para a encontrar as outras mudaram a rota para Ocidente. Passado um tempo começaram a surgir os primeiros sinais de terra até que dias depois, os marinheiros chegaram a terra firme.

Pedro Álvares Cabral chamou Vera Cruz à essa terra descoberta e mais tarde mudou-lhe o nome para Brasil por aí ser abundante uma madeira vermelha com esse nome.



Oscar Pereira da Silva, *Desembarque de Cabral em Porto Seguro, SP, Museu Paulista*

Quando os Portugueses chegaram ao Brasil, encontraram um território coberto de floresta e povoado por pequenas tribos de índios que tinham uma cultura muito diferente, uma

agricultura muito primitiva e não conheciam os metais.

No início, os Portugueses não ficaram muito interessados porque de lá só vinham animais exóticos, pau-do-brasil e a madeira.

Entretanto Lisboa, com todas estas descobertas foi desenvolvendo. Possuía uma localização com muitas comunicações para o exterior o que permitia ser um ponto de passagem de gente, culturas, comércios e conhecimentos diversos.

Esta cidade desenvolveu-se muito, começaram a existir muitas ruas emaranhadas e foram construídos alguns monumentos importantes como a Torre de Belém e o Mosteiro dos Jerónimos.



O reinado de D. Manuel foi marcado pelas grandes descobertas e pela riqueza conseguida através do comércio com os diversos continentes. Os elementos da corte usavam vestidos com veludos caros e sedas, assim como joias com grandes pedras preciosas. Também nasceu neste reinado o teatro e as representações teatrais com Gil Vicente.

D. João III - O Piedoso (1521-1557)



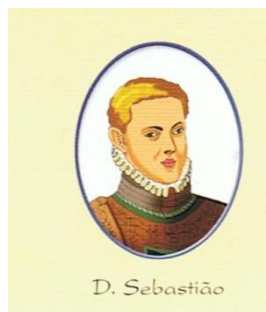
D, João III casou com a rainha D. P5 e tiveram nove filhos, mas todos morreram enquanto os pais ainda eram vivos.

Neste reinado, começou a colonização do Brasil. Inicialmente, os Portugueses não estavam muito interessados, mas as coisas mudaram porque os Espanhóis e os Franceses ameaçaram instalar-se lá.

Então, em **1530**, os Portugueses começaram, com Martim Afonso de Sousa, a colonizar o território e a torná-lo mais produtivo.

Assim, desenvolveram o Brasil a muitos níveis: foram fundadas vilas e cidades, entre elas a cidade de Salvador da Baía como capital do território; desenvolveu-se a agricultura, cultivando cereais, legumes, frutas e cana-de-açúcar; foram levadas ferramentas como a enxada, o machado e o carro; e aperfeiçoaram-se os portos. A pouco e pouco, o Brasil foi sofrendo transformações e passou a ser uma colónia próspera e rica.

D. Sebastião - O Desejado (1557-1578)

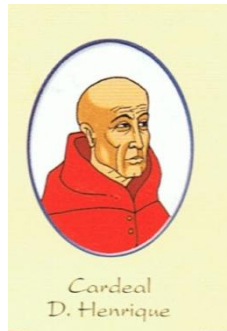


Quando D. João III morreu, todos os seus filhos tinham morrido, pelo que sucedeu ao trono o seu neto D. Sebastião.

D. Sebastião tinha como ideal realizar um grande feito e começou a organizar um forte exército com vista a conquistar algumas terras de África abandonadas pelo seu avô, como Alcácer Ceguer e Arzila.

O exército português seguiu para Arzila onde combateram com os Marroquinos em Alcácer-Quibir, mas nesta batalha os mouros acabaram por derrotar os Portugueses e D. Sebastião desapareceu.

Cardeal D. Henrique (1578-1580)



Com o desaparecimento de D. Sebastião quem ficou na regência do reino foi o seu tio Cardeal D. Henrique que já estava muito velho e debilitado.

Então, começaram a pensar num sucessor com alguma urgência. Os candidatos ao trono eram todos netos de D. Manuel I.

D. António . Prior do Crato (1580)



D. António foi aclamado rei de Portugal em Santarém, Lisboa, Coimbra, Setúbal, Bragança, Évora, Vila Viçosa e em várias ilhas dos Açores.

Mas D. Filipe II, outro dos netos de D. Manuel I, queria invadir Portugal com as suas tropas espanholas. Em 1580, travou-se a Batalha de Alcântara onde as tropas portuguesas, apesar do empenho, foram derrotada.

D. António teve de fugir para o estrangeiro. Ainda tentou pedir ajuda aos Ingleses para o ajudarem na batalha contra os Espanhóis, mas estes viraram-lhes as costas quando viram

que não iam conseguir vencer um exército tão grande. Então, D. António voltou para Paris onde acabou por morrer em 1595.

E com a morte deste rei acabou a segunda dinastia - a de Avis.

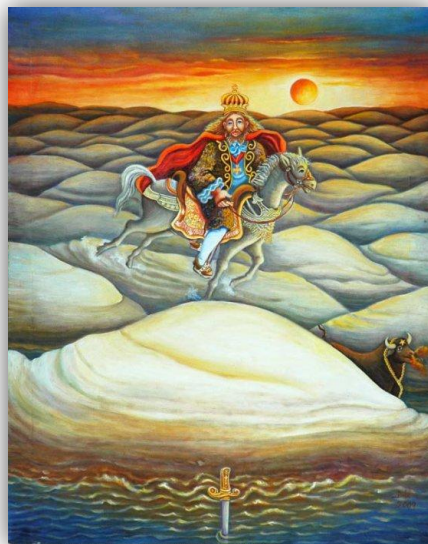
Anexo 15

Ficha de trabalho "El Rei D. Sebastião"

Lenda El- Rei Sebastião

Depois de Alcácer Quibir
El Rei D. Sebastião
Perdeu-se num labirinto
Com o seu cavalo real

As bruxas e adivinhos
Nas altas serras beirãs
Juravam que nas manhãs



De cerrado nevoeiro
Vinha D. Sebastião.

Pastoras e trovadores
Das regiões litorais
Afirmaram terem visto
Perdido entre os pinhais
El Rei D. Sebastião.

Ciganos vindos de longe
Falcatos desconhecidos
Tentando iludir o povo
Afirmaram serem eles
El Rei D. Sebastião.

Lê o texto com atenção e responde.

1. Que tipo de texto acabaste de ler?

2. Este poema tem quantas estrofes?

4. Lê com atenção

As estrofes são classificadas segundo o número de versos, da seguinte forma:

dístico - dois versos

terceto - três versos

quadra - quatro versos

quintilha - cinco versos

sextilha - seis versos

sétima - sete versos

oitava - oito versos

nona - nove versos

décima - dez versos

4. 1 Classifica as estrofes do poema de acordo com a informação acima.

1ª estrofe _____

2ª estrofe _____

3ª estrofe _____

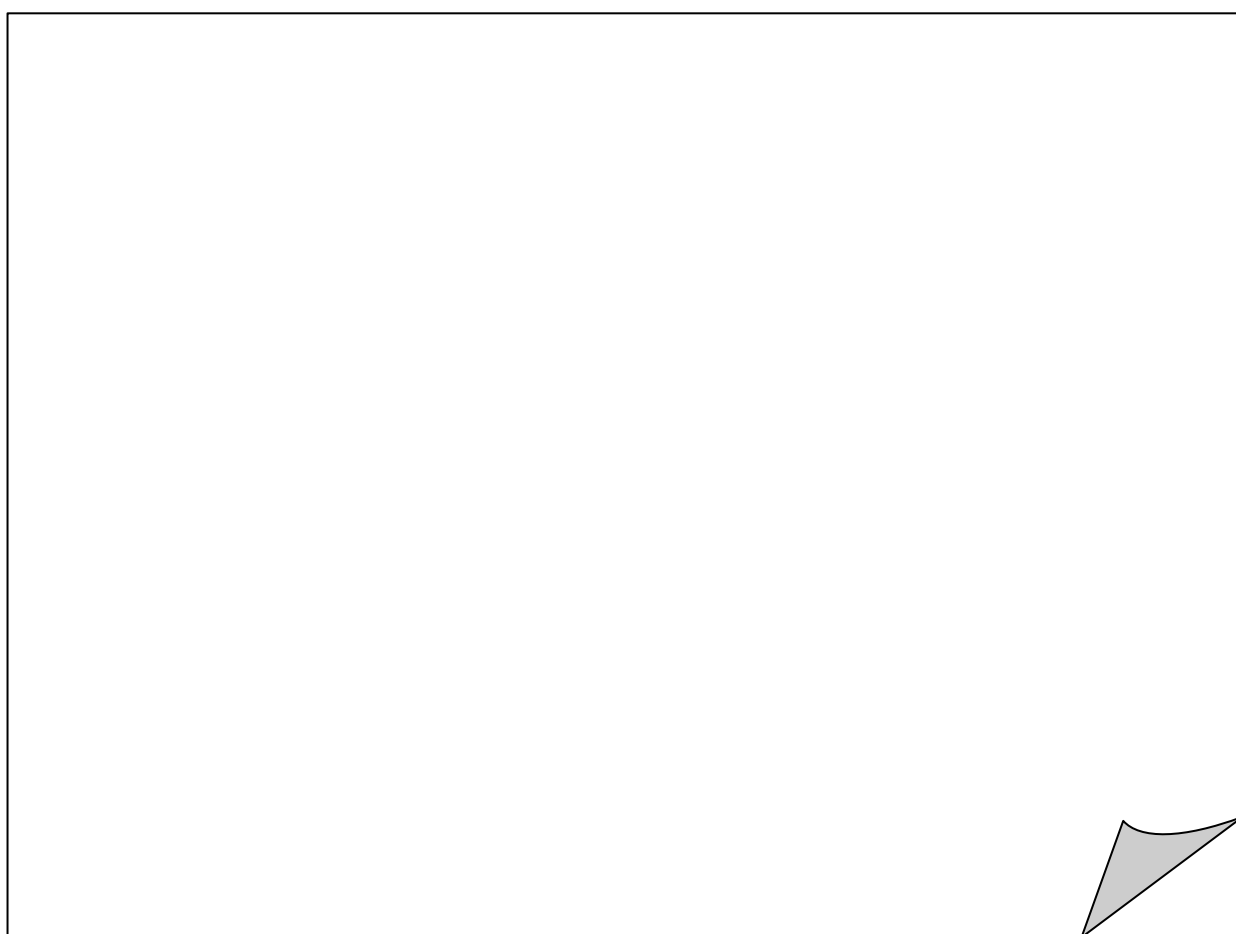
4ª estrofe _____

5ª estrofe _____

6ª estrofe _____

5. Imagina que a lenda se concretizava e que São Sebastião aparecia nos dias de hoje....

6. Faz a ilustração da tua história



Anexo 16

Textos realizados pelos alunos na ficha de trabalho

Anexo 17

Transcrição dos vídeos utilizados para a análise da estratégia de questionamento referente ao Pré-escolar

Conversa no tapete (levantamento de ideias para o projeto da biblioteca)		
Data: 22/04/2012	Duração: 15 minutos	
Educadora:	Alunos:	Inferências
<p>"Vocês gostavam de ter a vossa biblioteca mais bonita e arranjadinha?"</p> <p>Eu gostava que vocês me dissessem o que gostavam de fazer na vossa biblioteca. Um de cada vez. Eu vou escrever num papel. Vamos começar pela P18.</p> <p>P18, o que gostavas de fazer na biblioteca?</p> <p>Flores, onde? Nos livros, no armário, onde?</p> <p>Decorar o armário com flores, é isso?</p> <p>Só P18? Então se depois quiseres mais alguma coisa dizes?</p> <p>E tu P5? O que é que gostavas de fazer?</p>	<p>"Sim" - respondem em coro</p> <p>Flores - responde a P18.</p> <p>No armário - responde a P18.</p> <p>Sim.- responde a P18.</p> <p>P5 fica muito tempo sem dizer nada...</p>	

<p>Pode ser nos livros...no armário...pode ser outro livro que ainda não tenham lá...pode ser trazer histórias novas.... escrever os livros...o que vocês quiserem, eu quero é ouvir o que vocês gostavam de fazer na biblioteca.</p> <p>De alguma coisa em especial, P5? Alguma coisa que tu queiras ou só livros novos? Ou uma história que tu gostes e não esteja lá?</p> <p>Então, queres ficar a pensar e depois dizes-me?</p> <p>Então vamos passar à P12 e depois dizes.</p> <p>P12, e tu?</p> <p>Bonequinhos, onde?</p> <p>Mais alguma coisa?</p> <p>P4</p> <p>Dentro dos livros, fora dos livros...</p> <p>Achas que está bem assim?</p>	<p>Livros novos. - responde a P5</p> <p>P5 não responde mais nada.</p> <p>Abana a cabeça que sim.</p> <p>Queria bonequinhos.</p> <p>No armário.</p> <p>Não.</p> <p>P4 permanece calada.</p>	
---	---	--

<p>Pode estar, se tu achas que está tudo bem, dizes não há problema.</p> <p>Não te lembras de nada. Então se te lembrares dizes.</p> <p>P11 e tu?</p> <p>Gostavas de um livro de carros?</p> <p>Ah, pensava que estavas a dizer que querias carros na biblioteca. não pode ser não é meninos? Na biblioteca são livros...</p> <p>E tu P10?</p> <p>Gostavas de livros do Spider Man? Pode ser. Tá bem, vamos ver.</p> <p>Mais alguma coisa?</p> <p>P1, diz-me lá o que é que tu gostavas de ter na biblioteca? Para ires lá, às vezes...Que é que gostavas de ter?</p>	<p>P4 abana a cabeça.</p> <p>Carros.</p> <p>Não. Enfeitar a biblioteca com carros e livro de carros.</p> <p>Eu gostava do Spider Man.</p> <p>Sim.</p> <p>Não.</p> <p>Não.</p>	<p>Responde envergonhado...</p>
---	---	---------------------------------

<p>Tu gostas de livros?</p> <p>Então e se fosse um livro diferente?</p> <p>Pode ter fotografias que tu gostes. Pode ter a forma de uma coisa que tu gostes?</p> <p>Também pode ser alguma coisa fora dos livros...</p> <p>Querias um livro de carros... tá bem.</p> <p>P16, e tu?</p> <p>Não queres nada? Não gostas da biblioteca?</p> <p>Pois é. Por isso é que a Ana está a perguntar estas coisas. Porque é que os meninos não vão à biblioteca? Vocês até gostam de histórias quando nós contamos...</p> <p>Então e tu P3?</p> <p>Diferentes? Outras histórias? Ver livros...já estão lá muitos,</p>	<p>Livro de carros...</p> <p>Não quero.</p> <p>Abana a cabeça que não.</p> <p>P18, interrompe e diz: eu também nunca vou...</p> <p>Ficam todos em silêncio...</p> <p>Histórias... ver livros...</p>	
---	---	--

<p>não é? Queres diferentes?</p> <p>Tá bem. Só isso Bia, mais nada?</p> <p>(P2)</p> <p>Livro de rally? ah, olha o P1 também ia gostar, olhem ele a rir... não era P1</p> <p>Agora é o P14</p> <p>Querias espadas na biblioteca?</p> <p>Imagens de espadas na biblioteca?</p> <p>Olha vocês sabem que quando nós estamos a ler histórias e não chegamos ao fim, precisamos de quê?</p> <p>Exatamente P18, precisamos de marcadores para marcar os livros.</p> <p>Sim pode ser uma espada para marcar o livro, por exemplo...</p>	<p>Eu gosto do livro do capuchinho vermelho...</p> <p>Queria livros de rally.</p> <p>P1, ri-se alto...</p> <p>Queria por espadas.</p> <p>Sim.</p> <p>P18, interrompe e diz: precisamos de marcas...</p> <p>P18, pergunta: E podem ser espadas?</p> <p>P14 diz: quero espadas, piratas e soldados para marcar os livros. E um livro</p>	
---	--	--

<p>E tu, P13? Que é que gostavas?</p> <p>Muito bem e mais?</p> <p>O que é o tinga tinga?</p> <p>A Ana não sabe, mas vai saber o que é.</p> <p>P9?</p> <p>Um livro de ginástica, muito bem. Vamos ver...</p> <p>P8?</p> <p>Olhem a ideia do P8, ele quer picotar carros, muito bem. Ainda ninguém tinha dito picotar...</p> <p>P17?</p> <p>Olha a P17 quer um livro de princesas.</p> <p>Mais?</p> <p>P15?</p>	<p>de rally.</p> <p>Um livro do Rei Leão.</p> <p>O tinga tinga.</p> <p>Respondem: é onde está os animais.</p> <p>Um livro de casinha de bonecas. E um livro de ginástica.</p> <p>Um livro de carros. E gostava de picotar carros para enfeitar a biblioteca.</p> <p>Quero um livro de princesas.</p>	
---	--	--

<p>Eu vou ver o que é.</p> <p>Vamos ouvir agora o P7.</p> <p>Queres mesas e cadeiras para enfeitar o armário?</p> <p>Agora só falta o P6.</p> <p>E mais?</p> <p>Um livro de dentes, muito bem, vamos ver.</p>	<p>Mais nada.</p> <p>Um livro do Tinga Tinga.</p> <p>P4. diz: tem animais lá.</p> <p>Quero picotar umas mesas para enfeitar o armário. E cadeiras.</p> <p>Enfeitar carros de rally no armário.</p> <p>E um livro de dentes.</p>	
---	---	--

Apresentação do livro de rimas após ser terminado

Data: 25/04/2012

Duração: cerca de 5 minutos

Contextualização do momento:

Após o livro estar concluído foi apresentado logo de seguida para rever todas as rimas. As crianças sentaram-se no tapete e a estagiária foi apresentando o livro, mostrando as imagens e verificando se ainda se lembravam da frase que tinha sido feita anteriormente.

Educadora:	Alunos	Inferências
"A é o Afonso, que apanha.."	"o cão com o osso" - responde uma criança.	
"Muito bem. O cão com o osso... E esta quem é?"	"A Ana" - responderam em conjunto	
"A é a Ana, que pesca com uma cana"	"Andreia também começa com um A" - diz a P18	
"Sim, Andreia também começa com a letra A, muito bem... Esta é a..."	"Bea" - responde uma criança	
"B é a Beatriz, que pinta... Como é que é o teu P3?"	As unhas - respondeu P3	
"As unhas com?"	Verniz - responde a P3	
"Verniz. Verniz é que rima com Beatriz. A seguir é a?"	P5 - respondeu a P5	
"Que quer ser?"	Bailarina - responde o P8	
"Muito bem... Quem è?"	Daniela - respondem em conjunto	
"D é a Daniela que?"	Leva com a chinela - responde a P18	
"Já viram tão giro que está o desenho da Daniela. Ela podia ser uma ilustradora de livros. I é a P9 que fala?"	Português - responde a P9	
"F é o Francisco que?"	Come petisco - responde uma criança	

"Esta não é a do petisco... Como é a tua P6? Que não gosta de..."	Camarão - responde o P2	
"Não é camarão, é?"	Marisco - responde o P6.	
"Marisco. Para rimar com Francisco tem de ser marisco.. F é o Francisco que come um bom...?"	Petisco - responde o P8.	
"F é o Francisco que pesca com? Para rimar com Francisco. O is..."	Isco - respondeu o P8.	
"L é o Lourenço, que gosta do jogo do?"	Lenço - responde a P18	
	P11 - responde o P11	
"M é o Manuel, que leva a Olívia ao carrossel"	"E ao mar" - diz P11	
"M é a Margarida que tem uma saia ..."	Florida - responde P12	
"M é o Martim que com frio faz ..."	Atchimm - responde o P14	
"M é o Martim que brinca com? Vá P13 com o..."	Quim - responde o P13.	
"Muito bem"		
"P é o Pedro..."	Que faz segredo aos amigos - diz P4	
"que tem um segredo. O P15 diz que contou esse segredo à P18. Temos de saber qual é esse segredo?"		
"P é a..."	Piedade - respondem em conjunto	
"que tem muita..."	Vaidade - responde o P7	
"Boa P8. Então e os outros meninos? É só o P8 que responde? R é o P16 que tem um grande..."	"Amigo" - responde o P16 "Que sou eu" - diz o P14	

"Que é o Martim. S é a Sofia...que vai passear..."	Com a tia - responde a P18	
"E elas vão de avião. S é a Sofia... que tirou..."	Fotografia - diz P9 baixinho	
"P9, como é que é?"	Uma fotografia - diz P9	
"Boa P9. Boa"		
"S é a Sofia que tem.. uma gato que..."	Gatinho que mia - responde o P8	
"T é o Tiago que apanha ... Como é que é P19?"	Peixes - responde a P4	
"Peixes no..."	Lago - respondem em conjunto	

Conto da história "Faísca Mcqueen"		
Data: 24/05/2012	Duração: cerca de 2 minutos	
Contextualização do momento: O aluno que vai contar a história está sentado numa cadeira no topo do tapete onde as outras crianças permanecem sentadas a ouvir a história. A estagiária encontra-se sentada ao lado do aluno para o ajudar no conto..		
Educadora:	Alunos	Inferências
"O P11 vai então começar. O que ele nos vai apresentar primeiro? A..."	"A história" - responde P11	
"De quem? Qual é o título desse livro?"	"Do Faísca Mcqueen" - responde P11	
"Onde está o título?"	P11 aponta para o título	
"Como se chama a parte da frente do livro?"	"capa" - responde a P18 "contracapa" - diz P11	
"A parte da frente P11?"	"capa" - diz P11	
"E a contracapa?"	P11 mostra a contracapa do livro	
"Ena capa temos o título do livro que é , o faísca Mcqueen. Então vamos lá contar a história P11"	P11 abre as páginas do livro e mostra aos colegas	
"Que aconteceu?"	"Não sei" - responde P11	
"A Ana vai ajudar-te. Eu vou começar a ler a história. Sou o Faísca Mcqueen, um carro de corria... (continua a ler a página). E depois P11?"	Eles empataram... O faísca está com a língua de fora para ganhar.	

Anexo 18

Fichas de trabalho utilizadas na

análise da estratégia de questionamento referente ao 1.º Ciclo

Nome: _____

Data: _____

1 - O que sabes sobre a pele?

2 - O que gostarias de saber acerca da pele?

3 - O que gostarias de fazer na aula para aprenderes mais sobre a pele?

Nome: _____

Data: _____

1 - Em que disciplina tens melhores resultados?

2- Qual a matéria mais fácil para ti? E a mais difícil?

3- Em que disciplina te sentes mais confiante?

4- Quais as disciplinas que tu mais gostas?

5- Existe alguma coisa que gostavas de aprender na escola que ainda não tivesse sido falado nas aulas?

4- Sentes-te bem na escola?

5- Dás-te bem com os teus colegas?

6- Achas que tens muitos ou poucos amigos na escola?

7- - Existe alguma coisa que gostasses de mudar na relação que tens com as pessoas que estão na escola? O quê?

Guião de trabalho

1- Leitura do texto

"Meninos de todas as cores"

Era uma vez um menino branco, chamado Miguel, que vivia numa terra de meninos brancos e dizia:

É bom ser branco
porque é branco o açúcar, tão doce
porque é branco o leite, tão saboroso
porque é branca a neve, tão linda.

Mas certo dia o menino partiu numa grande viagem e chegou a uma terra onde todos os meninos são amarelos.

Arranjou uma amiga, chamada Flor de Lótus que, como todos os meninos amarelos, dizia:

É bom ser amarelo
porque é amarelo o sol
e amarelo o girassol
mais a areia amarela da praia.

O menino branco meteu-se num barco para continuar a sua viagem e parou numa terra onde todos os meninos são pretos.

Fez-se amigo de um pequeno caçador, chamado Lumumba que, com os outros meninos pretos, dizia:

É bom ser preto
como a noite
preto como as azeitonas
preto como as estradas que nos levam a toda a parte.

O menino branco entrou depois num avião, que só parou numa terra onde todos os meninos são vermelhos. Escolheu, para brincar aos índios, um menino chamado Pena de Águia. E o menino vermelho dizia:

É bom ser vermelho
da cor das fogueiras
da cor das cerejas
e da cor do sangue bem encarnado.

menino branco foi correndo mundo até uma terra onde todos os meninos são castanhos. Aí fazia corridas de camelo com um menino chamado Ali-Bábá, que dizia:

É bom ser castanho
como a terra do chão
os troncos das árvores
é tão bom ser castanho como o chocolate.

Quando o menino voltou à sua terra de meninos brancos, dizia:

É bom ser branco como o açúcar
amarelo como o sol
preto como as estradas
vermelho como as fogueiras
castanho da cor do chocolate.

Enquanto, na escola, os meninos brancos pintavam em folhas brancas desenhos de meninos brancos, ele fazia grandes rodas com meninos sorridentes de todas as cores.

Luísa Ducla Soares,
Aventura das letras, Porto, Porto Editora, 2003

1.1- Identifica as personagens e sublinha as suas falas com cores diferentes no texto.

1.2 Vamos fazer a leitura do texto em voz alta, respeitando as falas de cada personagem.

2- O Miguel, na sua viagem pelo mundo, aprendeu algumas coisas acerca das diferenças entre as pessoas, por isso, estava mais sensibilizado para o modo com que devemos tratar as pessoas que tem alguma diferença.

2.1 Na tua opinião, qual a relação que devemos ter com as pessoas diferentes e como devemos tratá-las. (tenta fazer no mínimo 10 linhas, pensa bem



Vamos aprender uma música...

Tal como as flores que há no jardim,
também há meninos de várias cores.
Não há cor-de-rosa, verde só p'ra mim,
mas também não há melhores ou piores,
o que importa, não é a cor da pele
porque cada um é cada qual.
Independentemente da cor do pastel
o que interessa é que nos sabe especial.
Amarelos, brancos ou vermelhos
castanhos, verdes ou outra cor.
Todos os meninos. novos ou mais velhos
somos especiais e temos valor.

Auto-avaliação



Fiz tudo com
facilidade

m
de.



Tive algumas
dúvidas

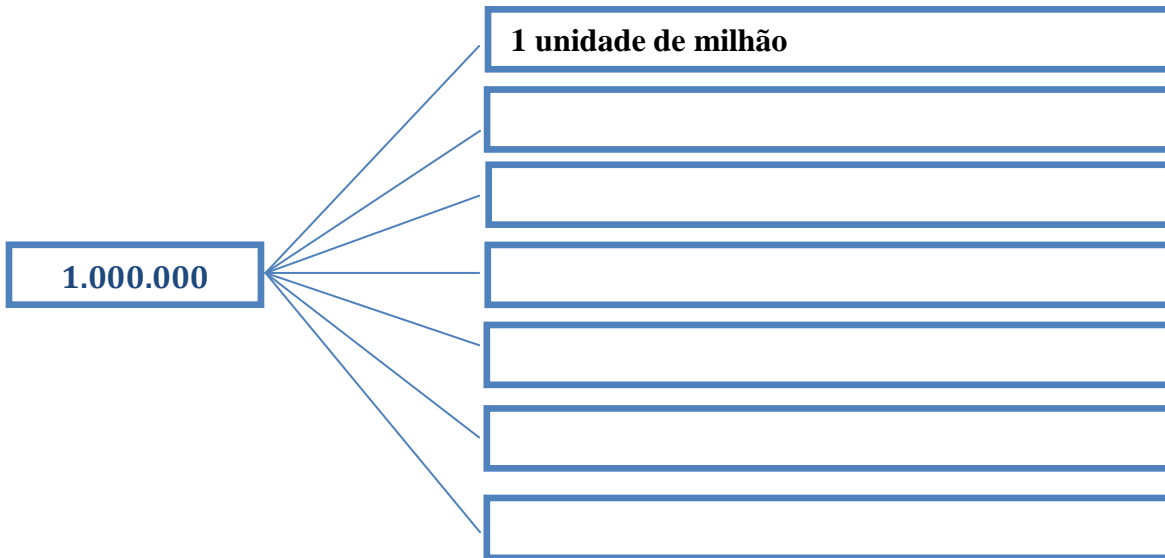


Tive muita
dificuldade

es.

Tarefa 1

1. Preenche o esquema para perceberes melhor a representação de 1 milhão.



Tarefa 2

1- Lê as notícias com atenção.

Notícia 1

ESTATÍSTICAS NACIONAIS , 23 OUTUBRO 2002

Resultados Definitivos dos Censos 2001 já disponíveis



Portugal atingiu os 10 356 117 indivíduos residentes, dos quais 5 000 141 são homens e 5 355 976 mulheres, ditam os resultados definitivos dos Censos 2001 realizado pelo INE. A população aumentou 5% relativamente ao recenseamento de 1991.

Dos resultados agora divulgados pelo INE, destacam-se dois factos importantes entre os dois momentos censitários: por um lado, a confirmação da tendência para o envelhecimento demográfico, e, por outro lado, o aumento do número de estrangeiros a viver em Portugal, que mais do que duplicou neste período.

Notícia 2

RU

LIFE&STYLE | FUGAS | ÍPSILON | GUIA DO LAZER | CINECARTAZ | INIMIGO PÚBLICO | P3 | SIGA-NO

P Público

Viagens
Tânia e Helena criaram o primeiro grande guia português de Cabo Verde

Infografia
5 de Outubro - Cronologia de uma revolução

JORNAL DO DIA | VÍDEOS | MULTIMÉDIA | INFOGRAFIAS | BLOGUES | LOJA | ASSINATURA

MUNDO POLÍTICA ECONOMIA DESPORTO SOCIEDADE EDUCAÇÃO CIÊNCIAS ECOSFERA CULTURA

Resultados preliminares

Censos 2011: população portuguesa cresceu 1,9 por cento desde 2001

30.06.2011 - 11:08 Por Ricardo Garcia

Votar ★★★★★ | 5 votos ★★★☆☆ +1 | 0 Gosto | 7 7 de 21 notícias em Sociedade « anterior seguinte »

Portugal tem 10.555.853 habitantes, segundo os resultados preliminares dos Censos 2011 apresentados esta manhã pelo Instituto Nacional de Estatística. A população cresceu 1,9 por cento desde 2001, data dos anteriores Censos.



2- Na notícia 1, sublinha o número total de habitantes em Portugal no ano de 2001. Faz a leitura desse número por linguagem corrente, por ordem e por classes.

3- Em 2001, havia mais homens ou mulheres em Portugal? Qual era a diferença entre ambos?

4- Compara as duas notícias.

4.1- A população cresceu ou diminuiu no ano de 2011?

4.2 - Quantos habitantes ganhou Portugal desde 2001 até aos últimos censos?

Tarefa 3

Notícia 3

Mais de 1,2 milhões de idosos vivem sozinhos ou em companhia de outros idosos

03.02.2012 - 18:39 Por Lusa

Mais de 1,2 milhões de idosos vivem sozinhos ou em companhia de outros idosos, fenómeno que aumentou na última década, revelou nesta sexta-feira o Instituto Nacional de Estatística (INE).

Segundo os resultados dos Censos de 2011, 400.964 idosos vivem sozinhos e 804.577 na companhia exclusiva de outras pessoas com 65 ou mais anos.

Na última década, os idosos a viver sós ou em companhia com outros idosos aumentou, passando de 942.594 em 2001 para 1,2 milhões em 2011.

De acordo com o INE, é nas regiões de Lisboa, Alentejo e Algarve que se verificaram as mais elevadas percentagens de idosos a viver sós, enquanto as mais baixas taxas encontram-se nas regiões do Norte e Açores.

1- Sublinha na notícia o total de idosos a viverem sozinhos ou em companhia de outros idosos em Portugal.

1.1. Representa os números da notícia no esquema seguinte.

Parte inteira									Parte decimal		
Classe dos milhões			Classe dos milhares			Classe das unidades			Classe das décimas		
CMi	DMi	UMi	CM	DM	UM	C	D	U	d	c	m

2- Faz a decomposição dos números, 1.200.000, 804.577 e 400.964.

3- Qual a diferença de idosos comparando 2001 com 2011?

4- Imagina que dos 1.200.000 idosos, metade viviam completamente sozinhos. Quantos eram?

Pista: É importante saberes o número total de idosos a viver nessas condições.

Tarefa 4

Recorda o que aprendeste...

O músculo do coração é involuntário porque funciona de forma automática. Ele trabalha mesmo durante a noite quando estamos a dormir. Se colocares a mão sobre o teu peito vais sentir os batimentos cardíacos que servem para bombear o sangue para todo o corpo.

Um adulto, quando está em repouso, tem cerca de 70 batimentos por minuto.

1- Sabendo disso, tenta descobrir quantos batimentos cardíacos baterá o coração em:
(apresenta todos os cálculos que te fizerem chegar ao resultado)

1.1- Uma hora?

1.2 - Um dia?

1.3 - Uma semana?

1.4 Um mês?

2. O número de batimentos cardíacos numa hora é maior ou menor do que o número de segundos numa hora? Apresenta os cálculos.

Desafio 1 - Vamos contar abraços...

Três amigos, o Daniel, o Rui e o Carlos, encontram-se na rua e cumprimentam-se todos dois a dois com um abraço.

1. Quantos abraços foram dados?

Os três amigos lembraram-se de fazer uma festa e convidaram o amigo Pedro. No início da festa, todos se cumprimentaram dois a dois com um grande abraço.

2. Quantos abraços foram dados desta vez?

Um mês depois, foi o Pedro a organizar uma festa. Convidou os seus três amigos Daniel, Rui e Carlos, mas também convidou o Francisco. Como habitualmente, no início da festa todos se cumprimentaram dois a dois com um grande abraço.

3. E desta vez, quantos abraços foram dados?

Se não conseguires responder logo às perguntas, experimenta com os teus amigos.

Desafio 2- Viagem do barqueiro....

Um barqueiro tem um lobo, um bode e uma couve para atravessar o rio. Como o barco é pequeno, só pode levar um de cada vez.

Sabemos que o lobo pode "ameaçar" o bode e que o bode pode "ameaçar" a couve.

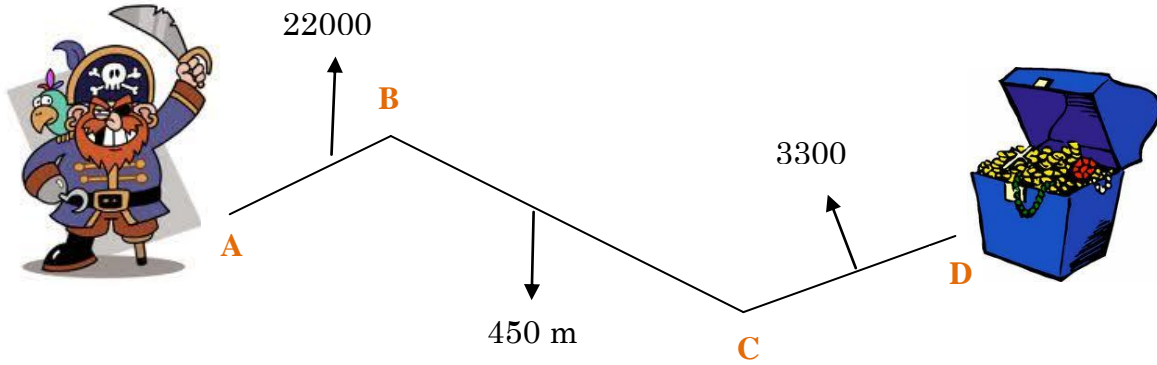
Qual o menor número de travessias que o barqueiro deve fazer para que não fique em perigo nenhum dos seus passageiros?

Bom trabalho!

Guião de tarefas

Tarefa 1

Para descobrir o tesouro, o pirata teve de seguir o mapa, partindo do ponto A e passando pelos pontos B e C até chegar ao ponto D. Qual a distância que ele teve que percorrer em metros?



R: _____

Tarefa 2

Relaciona as etiquetas com as unidades de medida mais convenientes.

Distância de Ponta Delgada a São Roque ●	●	cm
Comprimento da sala de aula ●	●	m
Perímetro do recreio ●	●	hm
Distância de casa à escola ●	●	km
Comprimento do lápis ●	●	dam

Tarefa 3

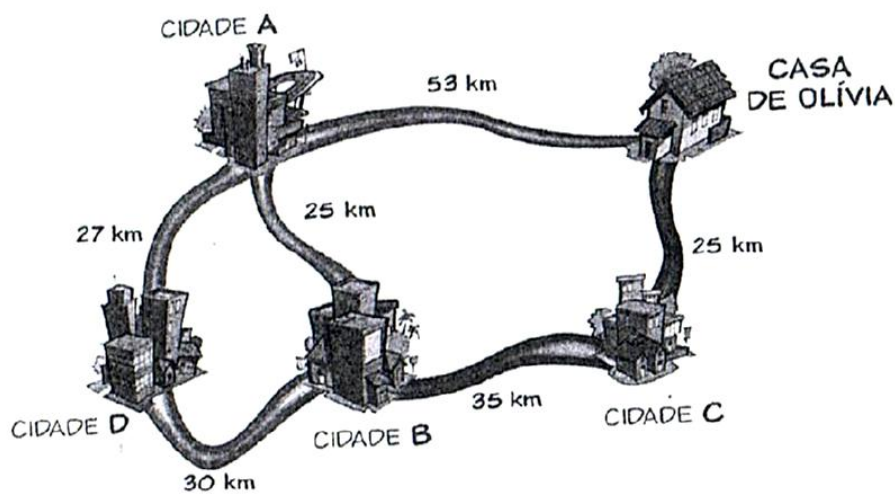
O Jaime caminhou durante duas horas, no domingo. Na primeira hora, ele percorreu 60 decâmetros, e , na segunda hora, ele percorreu 4500 metros. Quantos quilómetros percorreu ao todo?



R: _____

Tarefa 4

Quando a Olívia saiu de casa, o seu automóvel marcava 34 570 Km percorridos. Ela fez uma viagem, passando por algumas cidades, e regressou a casa. O conta-quilómetros marcava então 34 740 Km. Qual foi o percurso, em quilómetros, que a Olívia fez no seu passeio?



R: _____

1. Completa:

Este texto é um _____.

Este poema tem _____ estrofes.

Cada _____ tem _____ versos.

Uma estrofe com quatro versos é uma _____.

Alguns versos _____ rimam.

2. Sublinha nas estrofes acima as palavras que rimam com cores diferentes.

3. Completa:

Quem escreve este poema é um _____ .

Autoavaliação



Fiz tudo com facilidade



Tive algumas dúvidas



Tive muita dificuldade

Lê, com atenção, o texto da página 34 do teu manual de Língua Portuguesa e responde às perguntas

1. Quem subiu ao trono com a morte de D. Fernando?

2. Qual o motivo que o povo tinha para não gostar de D. Beatriz?

3. Quem foi aclamado pelo povo de Lisboa? Como lhe chamavam?

4. Quem é que D. João escolhe para seu chefe militar?

5. Quem combateu na batalha de Atoleiros? E quem venceu essa batalha?

6. Escolhe as afirmações corretas:

- D. João I era filho de D. Fernando
- D. Leonor de Teles era mãe de D. Beatriz
- D. João I foi aclamado por ser filho de um Rei
- D. João I é aclamado pelo povo de Coimbra
- D. João I é aclamado pelo povo de Lisboa
- Começou com este Rei a dinastia de Avis
- Começou com este Rei a dinastia Afonsina

<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>

7. Completa a árvore genológica da família de D. João I.



D. João I e _____



(pela ordem como aparece no texto)

9. Transcreve palavras do texto que sejam:

Monossílabos _____

Dissílabos _____

Polissílabos _____

10. Classifica quanto à sílaba tónica:

Palavra	Divisão silábica	Classifica quanto à sílaba tónica (EGA)
Castela		
João		
África		
Índia		
Mar		

Autoavaliação



Fiz tudo com facilidade



Tive algumas dúvidas



Tive muita dificuldade

Lê o texto com atenção e responde.

1. Que tipo de texto acabaste de ler?

2. Este poema tem quantas estrofes?

4. Lê com atenção

As estrofes são classificadas segundo o número de versos, da seguinte forma:

dístico - dois versos

terceto - três versos

quadra - quatro versos

quintilha - cinco versos

sextilha - seis versos

sétima - sete versos

oitava - oito versos

nona - nove versos

décima - dez versos

4. 1 Classifica as estrofes do poema de acordo com a informação acima.

1ª estrofe _____

2ª estrofe _____

3ª estrofe _____

4ª estrofe _____

5ª estrofe _____

6ª estrofe _____

5. Imagina que a lenda se concretizava e que São Sebastião aparecia nos dias de hoje....

Lê o texto com atenção e responde...

1. Caracteriza a princesa, de acordo com o texto, antes dela ter ficado com uns lindos caracóis.

2. Indica se cada afirmação é verdadeira ou falsa.

Os adjetivos são palavras que modificam os nomes, indicando qualidades ou características _____

Os adjetivos aparecem quase sempre depois de um nome, mas também pode aparecer antes do nome. _____

O adjetivo é uma palavra que exprime uma ação _____

3. Sublinha no texto cinco adjetivos.

4. Lê com atenção.

Exemplos:

1-O Sol...tão claro como se fosse uma laranja brilhante...

2- ...os mais lindos caracóis...

3 - ...lindos cabelos loiros...

Grau dos adjetivos

A- Grau normal

B -Grau comparativo de igualdade

C- Grau superlativo relativo de superioridade

4.1 Faz a correspondência dos exemplos (1,2,3) com os graus dos adjetivos (A,B,C).

1 - _____ 2 - _____ 3- _____

5. Escreve frases com o adjetivo *linda* nos diferentes graus, como por exemplo.

Grau		Frase	
Normal		A princesa é linda.	
Comparativo	Igualdade		
	Superioridade		
	Inferioridade		
Superlativo	Absoluto	Analítico	
		Sintético	
	Relativo	Superioridade	
		Inferioridade	

Bom trabalho!



Anexo 19

Quadro de escolhas livres



Área da biblioteca

Anexo 20

Guião das entrevistas

Objetivos	Temática	Eixo da temática	Questões	Notas
1- Conhecer projetos desenvolvidos por diferentes autores	Projetos	Área de incidência Conceção do projeto Desenvolvimento do projeto	- Dê-me exemplo do dois últimos projetos que tenha desenvolvido com os seus alunos? - Como iniciou o projeto? - Como desenvolveu esses projetos? Atividades relacionadas com o projeto? - Recorda-se de algum projeto que iniciou de forma diferente?	- Iniciativa de quem - Escolha da temática - Planificação - Desenvolvimento do projeto - Divulgação do projeto - Público-alvo - Avaliação do projeto
2 - Perceber o valor da avaliação em TP e como se operacionaliza? (tarefa transversal ao projeto) (avaliação como monitorização)	Avaliação dos projetos	Avaliação inicial	- Em que medida houve avaliação desses projetos? - A avaliação foi prevista na fase de planificação do projeto? Em que momentos?	- Ficaram previstos momentos de avaliação
		Avaliação do processo	- Fez alguma reformulação ao longo do projeto? Qual?	- Funcionamento do grupo - Atividades - Reformular objetivos
		Avaliação final	- Teve oportunidade de fazer um balanço geral do projeto? - Fez o balanço das competências adquiridas pelos alunos a nível cognitivo e socioafetivo? - Como verificou essas competência? - Quais as principais dificuldades demonstradas pelos alunos? - Como os alunos reagem ao TP?	- O que não faziam e passaram a fazer - pesquisa - raciocínio - resolução de problemas - como gerem os conflitos - demonstram mais empenho

		Participantes na avaliação	- Quem participou na avaliação? De que forma?	- Alunos/professores/ambos
		Instrumentos de avaliação	- Quais os instrumentos de avaliação que utilizou?	- recolha de opiniões - questionários - entrevistas - discussão em grupo
		Funções da avaliação	- Para que serviu a avaliação do projeto? O que foi feito com ela?	- surgiram novos projetos - auto e heteroavaliação
		CrITÉrios de avaliação	- O que mais valorizou na avaliação do projeto? - Os intervenientes sabiam os critérios na conceção, desenvolvimento e produto do projeto?	- avaliação que incidiu na conceção do projeto, desenvolvimento e produto
3 - Compreender o papel do professor em TP	Papel do professor		- Qual foi exatamente o seu papel no projeto?	
4 - Perceber o grau de satisfação dos estagiários/professores	Domínio afetivo		- Sente-se satisfeita/o com os resultados dos alunos?	
5 - Situar a perspetiva dos entrevistados na pedagogia e metodologia do projeto			- Como encara o trabalho pedagógico mediante os projetos? Faz parte de uma intervenção específica ou algumas das características do TP são habituais no seu dia-a-dia? De que forma?	

Anexo 21

Transcrições das entrevistas

Transcrição do entrevistado (E1)

Ana - Gostava que me desse exemplo dos últimos projetos que desenvolveu com os seus alunos.

Os últimos foi sobre os dinossauros e outro, deixe-me ver...sobre as cicatrizes.

Como é que esses projetos foram iniciados?

Esses projetos surgem sempre a partir de perguntas que lhes coloco, normalmente projetos de estudo do meio, às vezes, de conversas que temos no dia-a-dia, de perguntas que eles me fazem e eu encaminho para projetos, ou que exigem respostas mais complexas, ou quando eu quero que eles se debrucem sobre algum tema que exige mais tempo, ou então, a partir de coisas que eles querem fazer. No caso dos dinossauros foi um rapaz e uma rapariga que se juntaram...

Portanto, normalmente, têm iniciativa das crianças. Como é que esses projetos são planificados?

Têm uma grelha, se viste a página, aparece lá na parte dos documentos. Há uma grelha, estruturada já há uns anos, onde identificam o grupo, identificam a temática que querem trabalhar. Depois, há um espaço para colocarem o que já sabem sobre aquilo, ou o que pensam saber sobre aquilo. Porque, às vezes, são coisas que eles pensam que sabem e depois vêm a descobrir que afinal não é assim. Portanto, são as conceções que eles tem sobre aquela temática, depois noutra coluna fazem perguntas, ou seja, tem que dizer o que é que querem saber. Depois o que vão fazer, normalmente o que põem aí é o que vão pesquisar nos livros ou fazerem entrevistas a pessoas. Depois tem ainda um espaço onde colocam as produções, ou seja, se vão fazer cartazes, uma brochura, uma exposição.

As atividades relacionadas com os projetos andam sempre à volta desse tipo?

Normalmente, pode surgir eventualmente alguns projetos, eu proponho muito isso, mas não é fácil, aqueles que prevejam alguma experimentação. Esses são normalmente projetos que incidem sobre a investigação documental. Eu procuro estimulá-los também para projetos que envolvam investigação experimental, ou então para projetos de intervenção na comunidade, mas esses aí, normalmente, são projetos que envolvem toda a turma, ou seja, às vezes são propostas que eu lhes faço, são um bocadinho despoletados por mim. Por exemplo, fomos investigar sobre como é que era a escola no tempo das pessoas que têm agora 80/90 anos, não é. Normalmente, esses não surgem deles, são projetos...

Portanto, há projetos que surgem de outra forma do que os que estava a dizer.

Portanto, há projetos que têm a iniciativa minha, aqueles que são maiores, que duram mais tempo e envolvem toda a turma. O que fazemos às vezes é, ou os grupos dividem-se para realizar as tarefas dentro daquele grande projeto, ou fazemos tudo, por exemplo, o ano passado fizemos entrevistas a várias pessoas da freguesia e fomos todos juntos a casa das pessoas, ver as pessoas. Um acordo que eu fiz na escola, já há uns dois anos é um projeto na área da matemática, não é no estudo do meio, que é um trabalho sobre o leite que se consome na escola, com isso nós trabalhamos imensas coisas do programa da matemática e aí, realmente, faz-se a recolha de dados nas várias turmas, depois fazemos uma série de cálculos e projeções. A ideia que eu lhes proporciono, ou seja, o desafio que eu lhes faço é "Quantas

vacas serão necessárias para sustentar uma escola durante um ano", ou seja, uma iniciativa minha na área da matemática.

Esses projetos são, normalmente, divulgados para o exterior, ou seja, sendo feitos em pequeno grupo, como é que eles depois partilham essa informação com os colegas?

Em todos os projetos é obrigatório a elaboração de uma brochura, isso é ponto de honra. Depois há alunos que fazem cartazes que são expostos dentro ou fora da sala. Todos os projetos são alvo de uma comunicação à turma, ou seja, comunicam à turma, normalmente, fazem o suporte em power point, ou mostram os livros que fizeram, os cartazes que elaboraram. Depois alguns, quase todos, depende dos grupos, fazem uma comunicação às outras turmas da escola. O que eu lhes costumo dizer é que tenham alguma cuidado a escolher a turma, porque quando são projetos mais complexos, por exemplo, o caso das cicatrizes. Estou a falar de alunos do 4º ano. É um projeto que já tem alguns nomes e algumas palavras mais difíceis. Então sugiro que façam uma apresentação desses temas mais exigentes, apresentação a turmas de 3º ou 4º anos.

Exato, para que os alunos também possam perceber melhor...

Há sempre uma notícia no jornal da turma, um pequeno resumo, e também são publicados no site da turma, na internet, publicada a tal brochura.

No tal site da turma do francisco? Em relação à avaliação dos professores, em que medida é que essa avaliação costuma ocorrer nesse pequenos projetos?

Há aquela avaliação reguladora que eu vou fazendo. Isso são projetos que eles fazem autonomamente, mas de qualquer forma, ou seja, eu tenho 15 alunos com grupos de 2 ou 3, portanto, há muitos projetos a desenrolar-se ao mesmo tempo, há muito trabalho que eles fazem autonomamente, mas de qualquer forma há determinados momentos em que eu me junto com eles. No início do projeto eu sento-me com eles para redefinir a temática de partida, sobretudo as perguntas de partida, às vezes, eles ficam-se pelas coisas muito superficiais e eu procuro aprofundar um bocadinho as coisas. Ao longo do projeto, acompanho sempre na pesquisa da informação, ou vou com eles à biblioteca buscar livros, ou faço pesquisas na internet caso não tenhamos bibliografia sobre a temática que eles querem. E depois, estou sempre com eles na altura de preparar a comunicação e é nessas sessões que eu faço o acompanhamento que vou sempre ajudando a encaminhar as coisas. Portanto é feita uma avaliação sobretudo reguladora, no sentido de, ou redefinir a temática do projeto ou desafiarlos a ir mais além...

No sentido de reformular, saber o que está a correr bem e melhorar o que esteve a correr menos bem.

Exato. Depois há a avaliação que é feita com a turma na altura da comunicação. Quando eles fazem a comunicação há sempre um debate, fazem sempre perguntas, às vezes sobre coisas que não ficaram esclarecidas que pode ou não ter ficado esclarecidas pelo grupo e depois no fim eles dão a sua opinião sobre o trabalho que foi apresentado. Centram-se, normalmente, mais na comunicação, se fizeram bem as coisas, se estava claro, se o trabalho está bem distribuído pelo grupo ou não. E depois vão sempre um pouco para além disso, ou seja, sabem que aquele tema teve algum interesse científico para a turma, se é a primeira vez que estão a fazer investigação sobre aquela temática e falam também sobre o entrosamento do grupo.

Depois o próprio grupo, no fim, também faz a sua autoavaliação, se tiveram dificuldades ou não, a dinâmica relacional entre eles, se houve problemas ou não, portanto a avaliação mais no fim. Claro, depois faz-se sempre a avaliação á brochura, também ao cartaz, ao aspeto do cartaz, como está elaborado. É mais ou menos nesse sentido. Não é aquela avaliação formal, no sentido de ter bom, mau ou suficiente. É mais aquela avaliação no sentido de uma apreciação mais reguladora para que o grupo, ou seja, os alunos com outros projetos, possam de alguma forma incorporar os contributos, isto é, na criação de novos projetos.

Como autorregulação e não como classificação?

Sim, sim absolutamente. Neste tipo de trabalho não faz qualquer sentido.

Faz o balanço das competências adquiridas pelos alunos a nível cognitivo e socio afetivo no contexto dos projetos?

Nós fazemos o conselho de turma todos os dias e na sexta-feira dura 2 horas, normalmente, acabamos às 3 horas e não se consegue fazer toda a agenda de trabalhos. E é nesse momento que nós discutimos mais essas questões, ou seja, há sempre uma parte, uma alínea da agenda de trabalhos é, precisamente, a avaliação de projetos. Como é que estão a correr, se o grupo está a funcionar bem, se descobriram a informação ou se precisam de ajuda, para agendar depois com o professor os projetos. É mais nesse sentido. Dessa avaliação cognitiva que falou a ideia do trabalho em projetos na perspetiva da E.M. é, não é tanto se calhar, descobrir se as cicatrizes, são ou não são assim ou assado, as fases de evolução...mas o que interessa mais é pôr os alunos perante situações de investigação, está a perceber. O que nos interessa não é tanto o conteúdo, ou seja, os produtos do que eles vão fazer mas sim o percurso do grupo.

Não é tanto o produto final é mais a condução das ações, o processo?

Sim, o processo.

Quais são as principais dificuldades que os alunos demonstram neste tipo de estratégia?

Há sempre um bocadinho de dependência em relação ao professor, sobretudo, quando se trabalha com alunos mais pequenos, não é, fazer projetos deste género, com alunos do 1º ano é muito mais difícil, do que fazer, por exemplo, com alunos do 4º ano que já leem, já fazem uma síntese da informação, já escrevem, já dominam, por exemplo, o power point. Precisam sempre do apoio, mas já fazem algumas coisas. Ou seja, nunca é suficiente o tempo que o professor tem disponível para os grupos, é difícil. Há grupos que esperam às vezes por mim, não consigo... eu procuro sempre rodar, procuro que sejam autónomos, mas é sempre...

Ficam sempre dependentes do encaminhamento do professor?

Naquelas fases, por exemplo, do levantamento da informação, o facto deles irem...por exemplo, a escola tem quase milhares de livros lá, já está no milhar de livros. e irem lá escolher o livro que precisam para aquele tema, portanto é preciso sempre o professor ir com eles. É difícil, têm um tema para fazer, é difícil pô-los na pesquisa, por exemplo, na Internet e chegarem à informação precisa para aquele tema. Eles perdem-se muito, portanto, nessas alturas é sempre preciso o professor, é mais por aí. Depois escolher a informação também é um bocadinho difícil para eles, mas é como eu lhe digo, já faço projetos com eles há 4 anos, e por isso, já estão treinados em relação a certas coisas, já não...

Já estão mais autónomos, tem mais experiência, claro...Como é que os alunos...Demonstram-se mais empenhados do que noutra estratégia? Como é que os alunos demonstram esse empenho?

Olhe, desde que eu trabalho no movimento, há 14 anos mais ou menos, a relação dos meus alunos com a aprendizagem mudou completamente, não tem nada a ver. Terá muito pouco a ver com o ambiente que se vivia na turma antes. Em termos de desenvolvimento dos alunos, de gosto pela escola, de interesse pelo trabalho. Também tenho alunos malandros e outros mais trabalhadores, isso é inevitável, mas de qualquer forma, não tenho alunos que não gostem de trabalhar. De qualquer forma, apesar de tudo isso, eu acho que os alunos gostam de trabalhar e gostam de estar na minha turma, o trabalho em projetos é dos que mais os motiva.

Que mais os motivam?

Sim, porque trabalham muito autonomamente em grupo e gostam de trabalhar em grupos. Eles gostam muito de trabalhar em pares ou grupo, outro aspeto é que vão investigar sobre coisas que eles querem saber. Vão trabalhar aqui para a minha frente, para uma grelha onde tem lá temáticas, umas já estão investigadas, outras são os projetos futuros que podem ou não ser feitos e têm coisas desde, por exemplo, os bebés, como é que se fazem os bebés, os pirilampos, os golfinhos, os vulcões, os dinossauros, as consolas de jogos, e depois há alunos que se interessam muito pelas áreas da parapsicologia, querem investigar sobre os fantasmas e sobre os espíritos, sobre as montanhas...Está a ver, são temáticas que vão desde aquela curiosidade infantil até curiosidades que eu acho que há já algum carácter científico. Por exemplo, há um aluno que quer saber como se formam as montanhas, está a ver. Portanto, são temas, alguns mais exigentes do que outros. Ao partirem da curiosidade deles, dos interesses deles, das necessidades que eles tem é extremamente motivador.

Eles sentem-se mais valorizados, sente isso?

A maneira como eles se envolvem, ou seja, para mim os tempos mais difíceis de gerir, claro, às vezes tenho aqui mais do que 5 grupos, é um estilo de trabalho diferente, uns estão a investigar, outros estão a preparar comunicações, outros estão a fazer um cartaz, é extremamente difícil de gerir para mim enquanto professor, aliás para qualquer um, mas para eles é o que mais gostam, não tenho qualquer dúvida, por isso, trabalham autonomamente e investigam temáticas que gostam muito e depois lidam com um série de informação quer dizer não e só informação de livros, vão à internet trabalhar com o computador para fazer o sue livro, depois tem de comunicar às turmas e parecendo que não isso também é uma coisa que lhe dá um certo estatuto.

Aprendem também a falar em público.

Sobretudo por aí, o interesse do trabalho de projeto para eles é sobretudo por aí.

Já me disse que na avaliação, portanto os alunos participam e o professor também faz essa avaliação, não é' Mais alguém participa no processo de avaliação desse projetos?

Quando eles fazem comunicação às outras turmas, em regra, no fim, há sempre uma opinião sobre o trabalho. Há turmas que dizem mais coisas.

Eles vão...o grupo vai sozinho fazer essa apresentação?

Sim, só vou lá para ajudar a montar alguma coisa, por exemplo, no outro dia fui a uma sala do jardim de infância, porque não tinham computador, mas depois em vim-me logo embora e

eles ficaram lá. Portanto, os projetos que fazem com outras turmas, o professor ou educador também dá sempre a sua opinião. O que eu vejo é que, quando eles regressam à turma, eu pergunto-lhes sempre como é que correu, o que é que as pessoas disseram e é sempre uma avaliação positiva e não muito pela crítica, mas de qualquer forma pode-se considerar avaliação. Portanto, também dão o seu contributo sobre os projetos que são apresentados lá.

Ok. Quais os instrumentos de avaliação, já me falou em algum, mas quais é que utiliza nesses projetos?

Há também uma grelha, não sei se está atualizada também, mas penso que está, na página do grupo. Atrás tem, além do que eu já lhe disse, das perguntas e assim, tem uma série de quadrados que tem mais a ver com o registo das coisas que fizeram, a distribuição do trabalho pelo grupo e como é que o trabalho correu, é mais esse instrumento. E depois o resto é mais na avaliação acompanhada, ou seja, comigo e com os colegas do conselho, não tenho esses instrumentos escritos.

Falou-me no início de entrevistas, não foi? Eles fazem o guião dessas entrevistas, por exemplo?

Sim, como já lhe falei, a entrevista que desenvolvemos o ano passado, foi naquele projeto que foi feito com toda a turma. Fomos a casa de pessoas idosas, saber algumas coisas. E essa entrevista foi preparada numa aula de língua portuguesa. Sentámo-nos e definimos o que queríamos saber, definimos algumas temáticas, como é que se vestiam, que materiais é que tinham, como eram as salas, como eram as professoras. Depois, a partir dali tínhamos vários perguntas para colocar às perguntas.

A avaliação que é feita desses projetos, no seu ponto de vista, o que é que depois é feito com ela? Seve para o futuro em que medida?

A ideia é, sobretudo, que a partir das coisas que não correram tão bem, que precisam de ser melhoradas, não necessariamente que correram mal, é que os alunos, quando fizerem um novo projeto, que seja aquele grupo. Normalmente, eu não gosto que eles façam mais do que dois projetos seguidos com o mesmo grupo, o problema é que isso depois implica algum tempo em que eles fiquem à espera que outros acabem e eles gostam muito de estar sempre a fazer projetos, mas eu já lhes expliquei que tem que trabalhar com outros colegas para experimentar coisas diferentes, porque tem competências diferentes e vocês tem coisas para ensinar a eles... A ideia é, sobretudo, que esses alunos, a partir da avaliação que foi feita ao longo do projeto, ou aquando da comunicação à turma, que incorporem depois esses contributos na realização de novos projetos para atingir melhores resultados ou que o trabalho corra melhor.

Como professor, quando está a fazer a avaliação do projeto define os critérios para avaliar?

Não estão explícitos, ou seja, não estão explícitos...Se calhar é uma coisa que devia fazer, agora que me está a colocar essa questão, se calhar devia ter esse cuidado, ou seja, para nós sabermos se o projeto correu bem ou mal, o que é que tem de ter... tenho que discutir isso com os alunos, vamos falar no conselho de avaliação um dia destes...

Exato, uma das questões que eu tinha para lhe colocar era precisamente se além do professor ter esses critérios, se os alunos também sabem desses critérios.

Não está explícito, ou seja, há coisas que eu digo que estão implícitas, por exemplo, têm que se saber organizar, o trabalho tem de ser bem distribuído por todos, ou seja, não pode haver um aluno que só faça desenhos e o outro que só pesquisa informação. Isso fica, sobretudo, mais evidente quando fazem a comunicação do projeto, porque os colegas são muito exigentes nisso. Quando há um aluno que fala menos do que os outros, eles dizem logo. Às vezes o grupo justifica-se porque um aluno tem mais dificuldades em ler, ou se calhar não estava tão dentro daquela temática, ou entrou no projeto já quase no fim e não se preparou bem, de qualquer forma, têm sempre que se justificar. Mas eles são muito exigentes nesse aspeto. Isso é uma questão que, embora não esteja explícita é sempre avaliada.

Se calhar os critérios, embora não estejam escritos, são falados informalmente?

Exatamente, por exemplo, se os instrumentos utilizados, na comunicação, por exemplo, o power point, o cartaz e a brochura se estão adequados, ou seja, se realmente sintetizam. Por exemplo, aqui há dias houve um projeto sobre as artes, em que eles fizeram um trabalho, foi um grupo de miúdas, e as raparigas, nesse aspeto são muito organizadas e conseguem melhores resultados do que os rapazes são mais tralhas. Elas fizeram um trabalho extraordinário, achei muito interessante, mas depois a comunicação que fizeram, eu deixei de propósito, apresentaram só três slides, e eu vi aquilo, mas disse, vou deixar ver o que eles acham...Quando elas acabaram os miúdos ficaram muito calados...

À espera de mais.

Nitidamente, e depois disseram "vocês podiam ter feitos mais exploração disso". Elas mostraram o livro e via-se que tinham lá muito mais coisas...Isso também é avaliado, ou seja, se os instrumentos utilizados na comunicação transmitiram ao grupo o essencial da informação que foi adquirida ou não. E depois o aspeto, não é o mais importante, mas é uma mais valia, não é. O cuidado na elaboração do cartaz, se houve algum cuidado em termos estéticos.

Sim, sim.

O livro como é feito no computador, aquilo sai sempre mais ou menos certinho, não é. É o programa que eles ainda não dominam muito, mas o livro sai sempre mais ou menos. Agora o cartaz como é elaborado por eles, às vezes...não corre tão bem. E depois é uma área em que eu não me sinto tão à vontade também, porque eu e a expressão plástica, não sou muito criativo nesse aspeto, não é a minha área...e portanto, eles são um bocadinho o espelho do professor. Há alguns que têm mais jeito e outros menos, por isso, às vezes os cartazes são prejudicados por isso. Fundamentalmente, em termos de critérios de avaliação, se o grupo se organizou, se os instrumentos utilizados refletiram o essencial da informação recolhida e se conseguiram descobrir a resposta para todas as perguntas de partida.

Como professor, qual considera ser exatamente o seu papel nesses projetos?

O papel de supervisão, sobretudo supervisão e também de lhes proporcionar os instrumentos fundamentais para que eles possam aceder à informação que precisam. Eu não consigo, por exemplo, que os meus alunos se sentem no computador, vão ao google e que procurem informação específica sem se perderem.

Não conseguem fazer isso autonomamente, perdem-se na informação?

Muito. A internet é um mundo, depois também na biblioteca, também só conseguem os livros mais adequados se for com eles, senão não conseguem. Agora, eu depois digo, vocês vão fotocopiar as folhas que interessam e aí eles já são capazes de fazer. Portanto, é mais de supervisão, não é tanto vigiar, às vezes há a ideia que o professor está a controlar tudo, não. Quando estou com eles estou, quando não estou eles são autónomos. É mais de acompanhamento para que também não fiquem para ali parados sem saber.

Para que não se percam, não é?

Sim e para que os projetos não caiam também.

Ok. Penso que já transpareceu um bocadinho isto, mas gostava de confirmar. Sente-se satisfeito com o resultado dos alunos com este tipo de estratégia?

Muito, muito mesmo. É como lhe digo, é dos tempos de trabalho mais exigentes para mim e com os meus colegas falo a mesma coisa, é muito exigente porque há sempre um burburinho na sala e um burburinho acima do que é aceitável, porque há grupos a conversar, há pessoas no computador, depois trocam porque eles tem várias coisas para fazer, depois às vezes vem ter comigo e interrompem. E há uma exigência, quando estou com um grupo não me interrompem, porque às tantas não consigo... É sempre um trabalho muito exigente em termos de ter tempo disponível para os apoiar e, sobretudo, de se conseguir um ambiente na sala que não desequilibre os alunos. Às vezes é preciso, desculpem, mas o barulho está acima do que o aceitável, nesse aspeto. Não é tanto de indisciplina, não é isso que se passa, mas o barulho normal que decorre do trabalho.

Sim, dos trabalhos de grupo, é sempre natural um maior burburinho.

Às vezes são 5 grupos a fazer trabalho diferentes é sempre muito difícil, muito exigente, mas tem resultados muito interessantes, por exemplo, há 2 anos, surgiu um programa de rádio e fizemos lá as práticas pedagógicas dos professores aqui na ilha e o que eu fiz foi, num dos programas de rádio que eu fiz, foi, eu convidei um grupo de alunos que está agora no 12º ano e, portanto, há dois anos, estavam no 10º ano, para irem lá falar de qual tinha sido a sua experiência, quando tiveram aqui comigo, eles tiveram comigo 4 anos. E tiveram a conversar sobre isso e uma das coisas que me deixaram agradavelmente surpreendidos porque são coisas que a gente acha que eles, aprenderam mas não tem essa consciência, mas disseram, não é questão de estar a elogiar-me, mas disseram, por exemplo, que, uma aluna, estava a fazer um ppt num grupo de outra escola, com alunos de 5 anos, com alunos também de outras escolas e quando estava a fazer o ppt, um colega dela, de outra escola, queria por ali umas cores muito aguerridas que depois não contrastavam, ou seja, o ppt estava... e eu lembro-me que o professor insistia muito nisso, ou seja, a necessidade de combinar as cores.

Sim, as regras de apresentação.

Se eles não tivessem passado por isso e se não tivessem apresentado algum ppt na turma que não se tivesse percebido e que tivessem que reformular aquilo para apresentar a outra turma, por exemplo, não tinham chegado a essa conclusão, ou seja, não fui eu que expliquei, não fui eu que lhes disse vais ter que usar branco para destacar o preto...

Eles por si descobriram essa necessidade?

Eu achei que isso era uma coisa que estava lá guardada, mas que ela não tivesse isso na sua memória, mas ela disse. Foi, digamos assim, 6 anos depois e estava lá... e sentiam também um

à vontade a apresentar trabalhos à turma que os outros colegas das outras turmas tinham dificuldade, o facto de estar à frente da turma e apresentar o trabalho. Bom, isso passa-se conosco adultos também...

Não é tanto o conteúdo é mais as competências.

É, na minha opinião, é o fundamental neste tipo de trabalho o que nos interessa, precisamente é que eles adquiram as competências de pesquisa, ou seja, não é tanto o conteúdo. Não sei se me desviei da pergunta porque eu entusiasmo-me a falar...

Não, não. Eu tenho algumas perguntas, mas quanto mais souber melhor, porque eu sinto que não consegui desenvolver, embora tivesse sido essa a minha intenção, não consegui desenvolver realmente o trabalho de projeto como gostaria, porque o nosso estágio é curto e ainda temos de dividir o tempo com as colegas e, portanto, as crianças também não podem mudar de método tão repentinamente, e depois também há a professora titular e nós não podemos chegar ali e alterar todos os hábitos e, portanto, fiquei com curiosidade em saber, porque não tive nenhuma experiência, quer no pré-escolar, quer no 1º ciclo de ver um professor já com experiência a trabalhar projetos. Fui sempre eu que levei isso para as aulas, com o que fui lendo e fui sabendo. Isso, às vezes, é diferente do que ver alguém que já está habituado a isso e nós podemos observar. Parece que em Ponta Delgada isso não está tão desenvolvido.

Não quer dizer que só os professores do movimento é que trabalham por projetos, mas normalmente é uma característica do modelo de trabalho do movimento de fazerem estes pequenos projetos.

Por acaso fiquei com alguma curiosidade em saber como é que se desenvolve esses projetos no dia-a-dia, por exemplo, são trabalhados ao longo do dia inteiro ou há pequenos momentos para trabalhar o projeto?

Não sei se a Ana tiver acesso ao sitio da turma, verá um dos instrumentos, há-de haver lá uma coisa que diz agenda de trabalho, pode estar lá a agenda do ano passado, mas não difere da agenda deste ano.

Isso não me recorde de ter visto.

Se não encontrar, posso depois enviar-lhe para contextualizar isso. Nessa agenda de trabalhos são previstos os trabalhos de matemática, educação física, inglês, aquelas áreas, temos trabalho de estudo autónomo e tempos para projetos, ou seja, temos dias, ao longo da semana onde se trabalham projetos. Eu tenho à 3ª e à 5ª e depois aqueles tempos de estudo do meio que, se o programa está mais desenvolvido, acabamos por utilizar também esses momentos. Essas coisas não funcionam se for só quando o professor quer, não pode ser, hoje estou muito bem disposto, hoje é projetos. Os miúdos tem que dominar. Isso é um dos aspetos fundamentais do projeto, ou seja, os alunos tem que dominar a organização da turma e a organização dos trabalhos. Eles tem que dominar estas coisas, ou seja, tem que dominar de alguma forma a organização da turma e do trabalho. Eu faço um grande esforço, já há 15 anos e tento cada vez mais, para que eles tenham, para lhes fornecer a eles instrumentos que lhes permitem controlar essas coisas, portanto eles sabem quando é que tem projetos. E tem outra coisa, quando estamos a ultrapassar o tempo eles dizem "oh professor, está na hora de matemática".

Pois, isso torna-os mais autónomos.

Sim, está estudado também em termos de interesse pela escola e pela aprendizagem que os alunos quando dominam o modelo de trabalho, enfim, quando dominam os sistemas de avaliação tem melhores resultados e tem outro interesse pela escola. Mas como lhe estava a dizer, se tivesse mais tempo, mais projetos fazia, mais rapidamente a semana passava, mas temos outras coisas para fazer, o ideal era trabalhar tudo por projetos, mas não é possível, o que é importante em relação ao trabalho de projeto ou trabalho autónomo, em relação ao conceito é que os alunos saibam que há tempos semanais regulados em que vão acontecer aquelas coisas.

Por exemplo, há conteúdos que nós temos no programa e há conteúdos que se calhar não é fácil integrar no projeto, não é?

O que eu procuro fazer, às vezes, isso foi uma sugestão de uma colega mais experiente, é mais nova do que eu, mas tem mais anos no movimento. Ela diz que se junta com os alunos, naquela fase de organização do projeto e ela procura estabelecer a ponte entre a temática que eles estão a desenvolver e o conteúdo do programa, ou seja, eles vão investigar aquilo que eles querem, mas vão também que mostrar resposta para algumas questões que ela manda, para fazer uma ponte entre o projeto e o estudo do meio.

Assim vão cumprindo, ao mesmo tempo, os conteúdos que estão previstos.

Nós também temos na sala um programa de estudo do meio, de português e matemática afixado na parede e eles podem...há grupos mais dependentes disso, por acaso este grupo não é nada, eles gostam de investigar as suas coisas e não...mas há grupos que vão ali buscar ideias. Estou-me a lembrar aqui há um ano, um grupo de miúdos que quis investigar sobre o clima, sobre os vulcões, são coisas que tem a ver com o estudo do meio, ou seja, precipitação... Por exemplo, o grupo que vai investigar sobre as montanhas, nós já falámos sobre o relevo da Região e de Portugal, portanto eu vou aproveitar esse tema, para aprofundar um pouco mais a formação do relevo, ou seja, estabelecer a ponte entre o projeto que eles estão a fazer e o programa do estudo do meio.

Pronto, gostava de lhe agradecer pela disponibilidade. Fiquei com algumas dicas do seu trabalho, também vou ver melhor o site. Gostava de lhe agradecer mais uma vez.

Transcrição da entrevistada (E2)

Entrevistadora - O objetivo geral desta entrevista é conhecer a concepção, neste caso de um professor que está no ativo, do trabalho de projeto Portanto, eu gostaria que me desse exemplo do último projeto que tenha desenvolvido com os alunos?

O nosso grande projeto, aqui com o meu grupo, é trabalhar sem manuais e daí surgem vários pequenos projetos. O mais recente, que está a muito resultado, é a horta. E com a horta nós tentamos abranger todas as outras áreas. Eles tem um caderno de registos, que desenvolvemos a atividade do português, e depois a matemática nas áreas dos canteiros. Nós tentamos abranger todas as áreas com a horta. Esse é o nosso projeto mais recente. Outros que já estamos a realizar é uma marcha popular, que estamos a trabalhar ao longo do ano e com esta marcha, estamos a fazer várias atividades em que as crianças estão, por exemplo: uma feira, em que eles estão a construir os próprios objetos para depois venderem na feira, para arranjam dinheiro para a marcha, indumentárias, adereços, pagar ao compositor, essas coisas assim...

Esses pequenos projetos disse-me que surgiram de um principal que é trabalhar sem manuais? Esses projetos e os outros tiveram a iniciativa de quem? Quem despoletou esses projetos?

Os professores.

E os alunos foram questionados sobre alguma interesse?

Nós questionamos os alunos, ao final do ano. Depois de uma ano, de termos trabalhado sem manuais, porque esse projeto começou com um 2º ano, e no final do 2º ano nós perguntámos aos alunos o que é que preferiam. As diferenças que encontravam a trabalhar com manuais e ao fim do ano sem manuais. E eles, quiseram continuar sem manuais, para nossa satisfação. Mas fizemos essa avaliação com eles e com os pais. Porque ao fim ao cabo, a vontade é nossa, mas se eles achavam que nós devíamos continuar. E a resposta foi positiva, daí termos continuado. Com este grupo nós começámos desde o 1º ano sem manuais. Também tivemos que fazer uma reunião com os pais, também disseram que concordavam, porque a secretaria só aceita nós trabalharmos sem manuais com o consentimento dos pais.

Portanto, esses projetos são desenvolvidos com atividades que nascem do projeto principal, ou seja, como trabalham sem manuais há a necessidade de criar outros projetos e abordar outras temáticas?

Nós também temos uma parceria com a biblioteca, uma vez que eles não tem livros, temos uma parceria com a biblioteca, já desde o ano passado com este grupo e o outro também. Em que eles vão, mensalmente, têm o seu cartão de leitor. Há uma atividade na biblioteca que envolve o livro e no final dessa atividade eles trazem o seu livro que escolhem, leem o livro depois aqui na sala também fazemos uma pequena ficha de leitura adequada à idade deles e depois eles fazem a devolução com os pais. A biblioteca também chamou os pais, num Sábado, eu também fui. Foi excelente, um contacto direto com a biblioteca, fomos ver o arquivo que é uma coisa que nunca ninguém viu, não é. E acho que isso é uma mais valia, tanto para a biblioteca, que recebe novos leitores e para nós, porque eles assim criam hábitos de leitura.

Esses projetos foram planejados de alguma forma, ou seja, se houve uma planejamento desses projetos por etapas?

Sim, sim. Na biblioteca, nós temos no início de cada ano, uma avaliação com as funcionárias da biblioteca e programamos novas atividades para o próprio ano letivo, são todas calendarizadas, planejadas e depois há ajustes, não é. Se essas não resultarem mudamos para outras. E aqui também na sala é a mesma coisa, vamos mudando consoante as necessidades.

Já me explicou um pouco em que medida é que houve a avaliação desses projetos, vai sendo realizada ao longo do projeto?

Sim, vai sempre havendo os ajustes necessários caso as aprendizagens que as crianças vão fazendo.

E na parte inicial da planejamento, são previstos momentos de avaliação, ou seja, registam-se momentos para reformular e avaliar?

Nós geralmente fazemos com as crianças sempre que é necessário e como nós somos um grupo de quatro e nós também reunimos, semanalmente, para ver qual é a situação que cada um está, o que é necessário fazer, o que é que vamos mudar, portanto, temos esse cuidado sempre de ir conversando e ir avaliando como está a situação.

Fazem sempre um balanço geral, por exemplo, com as crianças é feito um balanço final dos projetos?

Sim, sim. Também dão sugestões, o que gostariam de fazer. Temos também uma atividade que eu acho que é muito, muito boa e que até outras colegas, aqui no colégio, desenvolveram porque acharam que era positivo. É um projeto que é feito durante o ano inteiro. Portanto, cada aluno, durante uma semana, é o aluno em destaque. E durante cerca de 10 a 15 minutos ele fala sobre a sua família, o seu animal preferido, a sua música, traz a música preferida, o seu livro. Então o livro é sempre, aparece sempre todos os anos. E essas tarefas vão mudando de ano para ano, vão-se tornando um bocadinho mais difíceis, entre aspas, tem de apresentar um cartaz, já no 3º e 4º ano em que já sabem como se faz um cartaz. E essa atividade promove uma...como é que eu vou explicar, a parte em que a criança é apresentadora, ele é que está a falar, ele é que é o responsável por aquele tempo e os outros podem fazer perguntas. Isso cria um à vontade na criança perante o público, que eu, por exemplo, não tinha mesmo já crescida. Isso faz com que a criança saiba lidar com o público, saiba estar naquela posição.

Em relação às dificuldades demonstradas pelos alunos, neste tipo de estratégia quais são as dificuldades que apresentam?

(pausa)

Por exemplo, gerir conflitos...

Como nós trabalhamos com o trabalho de grupo. No 1º ano trabalhei muito a pares, gosto. Eles também eram mais pequeninos, agora já começo a juntar 3 a 3, nunca ultrapasso os 4, porque aí já é mais problemático.

Como os alunos reagem ao TP? A diferença em relação a outras estratégias que possa utilizar?

Eles gostam muito desse tipo de trabalho porque faz com que eles dinamizem mais, estão menos em trabalho expositivo. Ainda ontem, tive uma aluna minha que me disse assim: "Oh professora, tu gostas muito que os teus alunos vão à descoberta?". E eu disse... realmente é

aquilo que eu tento fazer com que eles me digam. É bom ouvir isso deles... Afinal, aquilo que eu estou a transmitir está a surtir efeito... E acho que o TP faz muito isso. Eles sejam um bocadinho mais autónomos. É mais cansativo para nós, enquanto educadores é mais cansativo...porque requer mais pesquisa, mais tempo para organizar a sala, para organizar com eles, porque não podemos estar em todo o lado. "Agora tem de esperar, a professora já vai chegar lá...". É mais exigente da nossa parte, mas no final é muito mais gratificante porque o sorriso na cara deles é diferente.

Já me disse que então os alunos e os professores participam na avaliação...

E os pais também.

Que instrumentos de avaliação utilizou nesses projetos?

Observação das crianças, fazia muitas vezes uma fichinha, em que eles diziam o que é que gostavam, o que é achavam que deviam ter feito e não fizeram, sugestões, um bocadinho isto. Mais uma autoavaliação e sugestões. Nós procuramos sempre que eles participem.

E essa avaliação dos projetos, o que é feito com ela? Em que medida é que isso se reflete?

Se aquele projeto que nós implementamos foi positivo, nós tentamos dar continuidade no ano seguinte e às vezes com pequeninas achegas. Aquele que não correu muito bem, nós não desistimos, tentamos é reformular e ver outras estratégias para que tenha sucesso, não é. Por exemplo, é a primeira vez que estamos a fazer uma horta, não é. E nós estamos a ver... há situações (risos). Semeámos muita cenoura que aquilo ficou, ah!. E agora vamos ter que ir tirar, não é, pronto. Foi uma experiência, não é. Agora temos que levar lá as crianças e dizer "Olha, vamos ter que tirar porque elas não vão conseguir nascer porque estão muito juntas". Pronto, vai ser uma experiência para eles e para nós. Errámos, não é, mas agora temos que reformular e fazer melhor. É assim, é uma aprendizagem de experiência, não é. Para a próxima vez, se calhar, começamos com um canteiro mais pequeno, não é, se virmos que está a correr bem, já dizemos aos meninos: "para o ano aumentamos". Portanto, a ideia é sempre melhorar e nunca desistir.

Em relação à conceção do projeto, o desenvolvimento e o produto final, tem consciência do que está a valorizar mais? Os critérios que exige dos alunos?

(pausa)

Para avaliar se os alunos estão a conseguir ou não estão? Faz isso naturalmente?

Eu faço naturalmente porque eu estou a ver que está a surgir efeito na aprendizagem deles. E estou a ver que eles estão felizes porque vem para a escola felizes. E isto, é o que eu digo a todos os pais, eu acho que no 1º ciclo temos é que incutir na criança, claro que tem que aprender não é, mas o mais importante é uma criança que vem feliz para escola, a gente faz dela o que quer...

Portanto, empenham-se e querem mais e perguntam "já vendemos, e quantos já vendemos". Quer dizer, isto faz com que eles venham para a escola mais felizes e vejam dinamismo. Agora fala-se muito no empreendedorismo. Ah, temos mais um projeto com a universidade.

Ai é, então qual?

A ideia é fazer uma feira e que as crianças elaborem os objetos, os jogos, vamos ver o que eles vão querer fazer. E tudo isto para angariar, ou para nós ou para uma instituição de

caridade. No Natal, nós fizemos venda de postais, em que eles é que...foi para uma instituição. Não é só para nós, também para ajuda quem precisa, não é. Mostrar que temos de ser solidários e que há pessoas que precisam mais do que nós. Isto também é importante incutir neles.

Qual considera ser o seu papel nesses projetos?

Orientadora, mediadora, acho que é isso que eu pretendo...

O papel mais ativo é dos alunos?

Sim, procuro sempre que eles organizem e então eu estou lá para ajudar. Dou as pistas, lanço um bocadinho às feras e depois estou lá para organizar, orientar, sempre que possível. Claro que não vou dizer que durante as cinco horas que estão comigo que isto acontece, não é. Porque há momentos em que eu tenho que transmitir conhecimentos e procurar... mas tento sempre que sejam eles a descobrir e a chegar às conclusões. E ouvir também, porque isso é importante, porque eles têm tanto para nos dizer. Às vezes fico um bocadinho frustrada porque não consigo chegar a todos, mas...

Sente-se satisfeita então com os resultados dos alunos?

Muito e vou ficar muito triste e muito frustrada se tiram-me este método de ensino porque já trabalho há 25 anos e estava ansiosa por retirar os manuais. Nós consultamos os manuais e temos trabalho que vamos buscar lá, não estou a inventar nada sozinha, mas o manual condicionava muito e depois chega ao final do ano e temos de ter o manual todo feito. E isso para mim é irritante. Eu vou ao manual se necessito. O manual condicionava as minhas estratégias e agora sou mais autónoma e fascina-me mais nesse sentido.

Então, encara o trabalho pedagógico mediante projetos como uma estratégia habitual na sua prática?

Sim.

Está sempre presente no dia-a-dia?

Sempre, procuro sempre, mesmo que seja um tema muito pequenino. Por exemplo, o carnaval, eu tentei trabalhá-lo nas diversas áreas. Eles tem uma pastinha do carnaval, em que eu trabalhei estudo do meio, matemática, até mesmo educação física... Procuro, por lá no meio, ou fazer qualquer coisa que tenha o carnaval.

E o nosso tema de carnaval teve a ver com o trabalho que nós estamos a viver no projeto que é: "Hoje, construímos amanhã". Eles no carnaval foram de tijolo eu era o pedreiro e a ideia era: todos juntos formamos um mundo melhor. Apareceram tijolos lindos. Portanto, essas coisas envolvem. Procuramos sempre uma ligação nas coisas e tem dado certo.

Não sei se quer acrescentar mais alguma coisa?

Eu só espero é que os professores que estão a sair trabalhem assim, porque as crianças hoje exigem mais de nós do que há 20 anos atrás e nós temos que mudar as nossas práticas pedagógicas.

Transcrição da entrevistada (E3)

Entrevistadora - O objetivo geral desta entrevista é conhecer a concepção do trabalho de projeto, neste caso, na perspectiva de estagiária. Portanto, eu gostaria que me desse exemplo do último projeto que tenha desenvolvido com os alunos?

O último projeto que desenvolvi foi no estágio do 1º ciclo que terminei agora e teve início com um questionário que eu fiz aos alunos, no início do estágio, para conhecer os gostos deles. O que gostavam mais, que gostavam menos, que disciplinas gostavam mais. Eu queria ter uma caracterização dos gostos das crianças. E surgiu, numa das perguntas, que era: "Se tivesses uma varinha mágica o que gostavas que acontecesse na tua escola?".

Uma grande parte das crianças respondeu que não queria mais brigas na escola. E aquilo chamou-me a atenção e achei que era um assunto que tinha que ser tido em conta. E então, reuni com eles um dia, para falar acerca do assunto e para saber se eles estavam dispostos a fazer um projeto, acerca daquilo para colmatar aquela dificuldade que eles estavam a ter. Eles concordaram, gostaram muito da ideia e então em conjunto eu perguntei o que eles achavam que deveriam fazer durante o projeto. E eles, pronto, começaram a dizer... porque é que brigavam, ah... Eles também estavam com alguma dificuldade e eu fui dando algumas dicas e algumas opções. Vocês gostavam de fazer isso, você gostavam de fazer aquilo. Iam dizendo que sim, ou senão....

Entrevistadora - Iam em conjunto delineando

Exatamente, eu com os alunos. E então definimos logo que quatro etapas nesse dia para o projeto que foi desenvolvido durante o estágio. Mas, nessa altura, eu é que ia desenvolver com eles. E depois verifiquei, no final da primeira intervenção, que ia haver um tempo de espera muito prolongado entre a minha intervenção e a seguinte, porque havia duas estagiárias que estavam a intervir. E então conversei com elas e conversei com a professora titular da turma e então decidimos que todas íamos participar no projeto e todas iam ter uma atividade ou duas ou as que fossem necessárias para dar continuidade ao projeto.

Entrevistadora - Esse projeto foi mesmo planificado, ou seja, foi mais numa discussão de grupo em que a Stephanie depois ia registando as etapas. Ou eles fizeram mesmo parte do processo de planificação?

Não, na planificação não, só mesmo das etapas. Eu registei as etapas naquele dia e só depois quando estava a planificar as minhas intervenções e que eu delineava as atividades que iam ser feitas. Ou seja, as etapas só diziam o objetivos que queriam...o que é que queriam que acontecesse e depois eu é que arranjei as atividades para aquele objetivo.

Dê-me um exemplo de uma atividade que tenha estado ligada a esse projeto?

As que eles gostaram mais foi de uma tabela que eu fiz, que tinha os vários sítios da escola. Tinha umas imagens dos vários sítios, a sala de aulas, o refeitório, o recreio...tinha vários sítios. E eles tinham que dizer em que sitio brigavam mais e porquê e tinham que dar as razões...quais eram as brigas que aconteciam que era para eles tomarem a consciência, porque é que brigam e o que podiam fazer para não haver aquela briga naquele sítio.

Esse projeto teve alguma divulgação?

Não, só mesmo na turma.

E houve algum registro, em algum suporte, fizeram por exemplo algum vídeo, algum poster. Ou seja, embora fosse divulgado só no seio da turma, se houve alguma registro, se ficou alguma documentação que possa ser consultada mais tarde?

...Havia alguns recursos na sala que foram criados mesmo de propósito para esse projeto que eles podiam utilizar durante qualquer dia, mesmo que tivessem com a professora titular podiam utilizar. Que era uma caixa de correio onde eles escreviam mensagens uns para os outros, se queriam pedir desculpa ou se tinham algum sentimento que não podiam dizer à pessoa ou ao colega e registavam e deixavam mensagem no correio para depois ir entregar àquela pessoa. Outro recurso que ficou na sala foi um quadro das qualidades. E então, sempre que um aluno verifica-se que outro colega fizesse uma boa ação, ou que verificasse uma qualidade, ele ia ao quadro e registava o nome da pessoa. E depois havia tipo um caderno, onde registava o dia, o nome da pessoa que estava a registar, e o motivo porque é que estava a dar aquela qualidade ao colega.

Em que medida é que houve avaliação desse projeto?

Durante as intervenções houve talvez, no máximo dois três descritores para avaliar o projeto, não tanto no sentido de ver se o objetivo do projeto estava a ser atingido, porque isso aí eu ia vendo pela observação, mas no sentido de verificar algum comportamento se estava a melhorar, se tinham gosto pelo projeto, se estavam a acompanhar o projeto. Isso durante as intervenções. No final, eu fiz três questões para verificar se tinham gostado, se tinham melhorado o comportamento e o que tinham gostado mais do projeto.

Então, a avaliação foi mais colocada como descritores de desempenho?

Até porque não era nada, uma coisa de competências cognitivas era mais de comportamento...

Houve, por exemplo, alguma reformulação do projeto, no sentido de reformular alguma atividade ou no funcionamento do grupo... nesse aspeto?

Logo na primeira intervenção era para verificar...para eles verificarem as suas qualidades e as suas fragilidades e notou-se que qualidades eles sabiam identificar, mas fragilidades eles não sabiam identificar, diziam sempre que não tinham, ou se tinham diziam uma coisa que via-se que era só para dizer alguma coisa... Notava-se que não estavam a verificar as suas fragilidades. E então aquela etapa não ficou concluída, porque eu vi que eles não tinham atingido aquele objetivo, e então eu transmiti isso para a minha colega que ia intervir a seguir e ela teve que fazer uma atividade para que eles conseguissem chegar melhor a esse objetivo.

Então, no final, penso que já respondeu um pouco a isto, mas houve um balanço geral do projeto?

Sim, foi o tal questionário com as três questões onde eles tinham que dizer se tinham gostado, se tinham melhorado o seu comportamento, o que é que tinham gostado mais do projeto.

Então, essa foi uma avaliação da parte das crianças e como professora fez um balanço das competências que os alunos adquiriram ao longo do projeto? Conseguiu notar diferenças do início para o final?

Não fiz uma avaliação formal, fiz uma avaliação introspectiva, uma reflexão (risos) e até referi na última avaliação do projeto formativo, referi essa reflexão... o que fiz acerca do projeto e o que eles conseguiram atingir ou não com o projeto.

Tem algum exemplo mais concreto, até mesmo referente a algum aluno, de algum comportamento que ele tinha e deixou de ter ou passou a ter?

Verifiquei em alguns alunos que, no início do estágio, eles tinham aqueles comportamentos, mas não pensavam. E verifiquei que ao longo do estágio já estavam um bocadinho despertos para os seus comportamentos, porque às vezes, eles viam os outros a fazer aqueles comportamentos e diziam: não faças isso...

Então, ficaram mais sensibilizados?

Exatamente.

Quais foram as principais dificuldades dos alunos ao trabalhar neste tipo de estratégia, no TP?

Aquela turma estava muito habituada a trabalhar...ah, numa metodologia mais tradicional. E no início do estágio eu levei muitas atividades em que havia muita conversa, muita comunicação. E como eles não estavam habituados, eles aproveitavam-se um bocadinho da situação para...

Dispersar...

Exato. Mas eles foram compreendendo que tinham autonomia também para decidir o que iam fazer e o que é que iam falar. Eu acho que começaram a adaptar-se a essa metodologia e depois já havia mais conversas acerca do tema, em vez de estarem a dispersar para coisas que não tinha nada a ver.

Como é que os alunos reagem? Por exemplo, a gerir os conflitos entre eles? Como é que eles reagem ao trabalho de projeto? Sempre reagem bem?

Sim, sempre gostaram muito. Embora não houvesse uma melhoria significativa de 100% nos comportamentos, notava-se que eles gostavam muito do projeto, e estavam sempre a perguntar: e quando é que vamos trabalhar no projeto, e quando é que vamos fazer uma atividade do projeto...

Mostravam-se empenhados?

Exato, empenhados. Notava-se que gostavam de falar sobre aquilo, via-se que era um assunto que lhes tocava.

Por tanto, já respondeu também um bocadinho a isto, mas quem participou na avaliação? Portanto, os alunos participaram e como professora também participou? Não de uma forma formal, mas fez a sua avaliação?

Como eu já disse, nas planificações havia dois ou três descritores só para avaliar se eles estavam empenhados e se estavam a participar. E no final foi aquele questionário das três questões. E depois foi sempre uma reflexão...

Ao longo do projeto que instrumentos de avaliação foram utilizados?

(pausa) observação direta...(pausa)

Houve, por exemplo, discussão em grupo, não é? Já me referiu, mais algum tipo de instrumento, questionário...?

Sim, o questionário no fim. Que me lembre, não estou a ver...

Em que medida é que avaliação que foi feita serviu para o futuro? Ou seja, o que fez com essa avaliação?

Não posso fazer nada no futuro porque o estágio acabou e eu não vou continuar com a turma, mas se a turma fosse minha era lógico que ia verificar o que tinha sucedido o que é que tinham atingido e o que é que ainda faltava atingir. E dar continuidade.

Poderia dar abertura a novos projetos?

Sim, se assim eles entendessem, tinha também de conversar com eles para saber se estavam dispostas a tal.

Na conceção, no desenvolvimento e no produto final do projeto, tinha consciência do que mais estava a valorizar na avaliação? Tinha os critérios definidos?

(pausa) sim e não (risos)

Em que medida?

Sim na medida em que, desde o início do projeto, eles definiram quais eram os objetivos que eles queriam atingir com aquele projeto, logo daí já dá uma indicação do que tem de atingir ou não. Formal, em termos de papel e escrito com: tem de atingir isso, sim ou não. Aí não.

Os alunos, nessa medida, não sabiam quais eram os critérios que estariam a ser avaliados?

Não.

Qual considera que foi exatamente o seu papel nesse projeto?

Mediadora (risos).

Dê-me exemplos? Como é que se considerava no projeto?

O projeto sempre foi deles, foi mais deles do que meu, porque era uma necessidade deles, foi uma coisa que eles quiseram e que definiram...a única coisa que eu fiz, foi tentar proporcionar atividades para atingir o que eles queriam atingir no final desse projeto. Por isso é que eu digo que sou mediadora, porque até mesmo nas atividades eles é que falavam a maior parte do tempo e eles é que davam as indicações do que é que estava a ser feito, do que é que necessitava ser feito e dos objetivos.

Houve, por exemplo, algum momento de pesquisa de informação ao longo desse projeto?

Por exemplo, da parte dos alunos pesquisarem sobre o assunto, fazerem alguma atividade?

Não, também não houve tempo.

No final e ao longo do projeto, sentiu-se satisfeita com os resultados dos alunos?

(pausa) Sim. Eu acho que o projeto de ter mais continuidade, foi muito curto. Mas no pouco tempo que foi realizado acho que teve benefícios e...notou-se em várias crianças que ficaram sensibilizadas para o tema.

Então, ficou satisfeita com este tipo de estratégia?

Sim.

No futuro, seria uma estratégia a recorrer?

Sim, sim.

Em que medida, encara este tipo de trabalho pedagógico? Como uma intervenção mais específica, em dados momentos, para determinadas temáticas ou determinado conteúdo ou com uma visão mais alargada, de forma mais continuada?

Da pouca experiência que tive no estágio, tinha sempre um tema fundo quando planificava, e isso também vai um pouco ao encontro da metodologia de trabalho de projeto, porque tem

sempre um tema e daquele tema trabalha-se outros. E as minhas planificações são sempre assim. Eu tenho sempre um tema e a partir daquele tema eu faço atividades que vai abranger todas as áreas e as competências que tem de ser desenvolvidas e eu julgo que...mas para além desse tema e dessas atividades há outras que também tem de ser desenvolvidas. O que é que eu quero dizer com isso. Eu julgo que a MTP é uma boa estratégia, eu gosto e utilizei no meu estágio, mas há sempre competência que tem de ser desenvolvidas pela repetição, pelos exercícios e tem que haver sempre aquelas atividades paralelas para tentar que eles desenvolvam essas competências, mas em pano de fundo houve sempre um tema...

Há sempre lugar para características do trabalho de projeto?

Dar sempre abertura para os alunos participarem no seu processo de aprendizagem, não ser só o professor a ditar as regras. Os alunos também tem que participar...

De fazer parte da planificação?

O que eles gostam de fazer e tudo isso leva a que eles se interessem mais pelas atividades e aprendem mais com isso. Julgo eu...

Não sei tem mais alguma coisa a acrescentar que eu possa não ter perguntado?

Não. Um bom trabalho e felicidades.

Anexo 22

Sistema de categorías final

1. Utilidade/funções do projeto
 - 1.1. Desenvolvimento de competências interpessoais
 - 1.2. Desenvolvimento de competências intrapessoais (métodos trabalho, autonomia)
 - 1.3. Aquisição de conhecimentos do programa de ensino
 - 1.4. Satisfação de interesses ou curiosidades dos alunos
 - 1.5. Contato com pessoas da comunidade
2. Perspetiva pedagógica do projeto
 - 2.1. Pedagogia do projeto
 - 2.2. Trabalho de projeto
3. Fases do projeto
 - 3.1. Conceção do projeto
 - 3.1.1. Situação que desencadeou o projeto
 - 3.1.2. Iniciadores do projeto (quem)
 - 3.1.3. Divulgação da ideia
 - 3.1.4. Temática
 - 3.1.5. Planificação
 - 3.2. Ações de concretização do projeto
 - 3.2.1. Estratégias/Atividades desenvolvidas no projeto
 - 3.2.2. Criação de suportes com a informação explorada
 - 3.2.3. Contacto com outras entidades/pessoas
 - 3.2.4. Dificuldades demonstradas na concretização do projeto
 - 3.2.5. Avaliação/Divulgação do projeto
 - 3.3. Avaliação do projeto
 - 3.3.1. Avaliação inicial
 - 3.3.2. Avaliação do processo
 - 3.3.3. Avaliação final
 - 3.3.4. Critérios de avaliação
 - 3.3.5. Participantes na avaliação
 - 3.3.6. Instrumentos de avaliação
 - 3.3.7. Funções da avaliação
4. Papel dos intervenientes no projeto
 - 4.1. Alunos
 - 4.1.1. Participação na gestão dos trabalhos
 - 4.2. Professor
 - 4.2.1. Orientação
 - 4.2.2. Facultar instrumentos de trabalho
 - 4.2.3. Coordenador
5. Sentimentos ligados ao projeto
 - 5.1. Professor
 - 5.1.1. Satisfação com os resultados dos alunos
 - 5.1.2. Desafio ao nível da gestão da turma
 - 5.1.3. Desafio para promover a autonomia dos alunos
 - 5.2. Alunos
 - 5.2.1. Motivação
 - 5.2.2. Satisfação com as estratégias

Transcrição do vídeo

Resolução do problema "A cabra, o lobo e a couve"		
Data: 29/11/2012	Duração: 2:46 (minutos)	
Contextualização do momento: A estagiária ajuda um grupo que tenta resolver o problema, mas está com dificuldade.		
Professora:	Alunos	Inferências
	A21 - O primeiro tem de ser o bode	
Tem de ser o bode porquê?	A21 - Porque é assim, se o lobo come a alface e se a alface vai primeiro o lobo vai comer, a couve, pronto...e esse tem de ir primeiro(bode), porque esse (lobo) não come isso.	
Exatamente..	(A21 coloca o bode no outro lado do rio)	
Agora espera, calma, escrevam já isso para não se perderem.	A21 - Primeiro o bode (o aluno escreve) Pode ser só o B?	
Pode ser, claro.	A21 - Faz assim A19..	
Agora o barco está deste lado...	A21 - Tem de ir para aqui.	
Então qual é a segunda travessia?	A21 - Com o lobo	
Então vê, ele levou o bode para lá e veio para cá, não foi? Então é o barco...	A21 - Sozinho.	
Então, mas escreve isso.	A21 - (escreve no caderno)	
Agora vê lá qual é a terceira travessia. Está cá o lobo e está cá a couve.	A21 - Hum, hum...o lobo tem de ir.	
Experimenta. Quando o lobo chegar aqui o que encontra? Tem cá o bode não é?	A21- Pois.... (pausa)	

Então e se ele deixar o lobo e levar o bode?	A19 - O bode vem para cá.	
Já não há problema pois não?	A21 - Há, porque o bode vai comer a couve.	
Então e se deixar o bode e levar a couve?	A21 - Ah!	
Então leva a couve e pode lá deixar com o lobo, não pode?	A21 - Não.	
O lobo não come a couve.	A21 - Ah pois, pois.	
Então, estes podem ficar juntos?	A21 - Podem.	
E agora leva o bode e ficam lá todos. Agora façam outra vez sozinhos e a registar tudo no caderno depois eu volto aqui.		

Anexo 23

Planificação do projeto "Porque crescem as unhas"

Planificação do projeto

Grupo de trabalho: _____

Nome do projeto: Por que as unhas crescem?

Objetivo do projeto:

- 1º saber porque crescem as unhas.
- 2º fazer um dedo com unha em 3D e etiquetar
- 3º fazer um cartaz

Materiais a utilizar:

cartolina, jornal, lapis de cor, caneta preta, cola, caixa sapatos, tinteira de guas, cola branca e picas.

Calendarização do projeto:

30 outubro - cartaz

Avaliação do projeto:

Anexo 24

Grelha de avaliação dos projetos facultado por um dos entrevistados

Grelha de organização do projecto

Projecto: _____

Grupo: _____

O que pensamos saber	O que queremos saber																						
O que vamos fazer:	Produções: <table style="margin-left: 40px;"> <tr><td>Cartaz</td><td><input type="checkbox"/></td></tr> <tr><td>Desenhos</td><td><input type="checkbox"/></td></tr> <tr><td>Maqueta</td><td><input type="checkbox"/></td></tr> <tr><td>Transparência</td><td><input type="checkbox"/></td></tr> <tr><td>Livro</td><td><input type="checkbox"/></td></tr> <tr><td>Diapositivos</td><td><input type="checkbox"/></td></tr> <tr><td>Exposição</td><td><input type="checkbox"/></td></tr> <tr><td>Esquema</td><td><input type="checkbox"/></td></tr> <tr><td>Folheto</td><td><input type="checkbox"/></td></tr> <tr><td>Dramatização</td><td><input type="checkbox"/></td></tr> <tr><td>Outro:</td><td><input type="checkbox"/></td></tr> </table> _____	Cartaz	<input type="checkbox"/>	Desenhos	<input type="checkbox"/>	Maqueta	<input type="checkbox"/>	Transparência	<input type="checkbox"/>	Livro	<input type="checkbox"/>	Diapositivos	<input type="checkbox"/>	Exposição	<input type="checkbox"/>	Esquema	<input type="checkbox"/>	Folheto	<input type="checkbox"/>	Dramatização	<input type="checkbox"/>	Outro:	<input type="checkbox"/>
Cartaz	<input type="checkbox"/>																						
Desenhos	<input type="checkbox"/>																						
Maqueta	<input type="checkbox"/>																						
Transparência	<input type="checkbox"/>																						
Livro	<input type="checkbox"/>																						
Diapositivos	<input type="checkbox"/>																						
Exposição	<input type="checkbox"/>																						
Esquema	<input type="checkbox"/>																						
Folheto	<input type="checkbox"/>																						
Dramatização	<input type="checkbox"/>																						
Outro:	<input type="checkbox"/>																						

Planificação, registo e avaliação do projecto

1ª Sessão (sozinhos - com apoio) Data: ____/____/____	2ª Sessão (sozinhos - com apoio) Data: ____/____/____
3ª Sessão (sozinhos - com apoio) Data: ____/____/____	4ª Sessão (sozinhos - com apoio) Data: ____/____/____
5ª Sessão (sozinhos - com apoio) Data: ____/____/____	6ª Sessão (sozinhos - com apoio) Data: ____/____/____
7ª Sessão (sozinhos - com apoio) Data: ____/____/____	8ª Sessão (sozinhos - com apoio) Data: ____/____/____

Data prevista para a comunicação ____/____/____ Data da comunicação ____/____/____